

S E S I M B R A

# Cultural

Nº 0 - JAN/90



C Â M A R A M U N I C I P A L D E S E S I M B R A

# S U M Á R I O

4

EDITORIAL

5

MUSEU MUNICIPAL COMO PÓLO  
DINAMIZADOR DAS ACTIVIDADES  
CULTURAIS

Isabel Mota; João Pinhal

6

PARA UMA CARACTERIZAÇÃO  
DO CONCELHO DE SESIMBRA

Luisa Maria Cagica Carvalho

10

TURISMO CULTURAL

Eduardo da Cunha Serrão

12

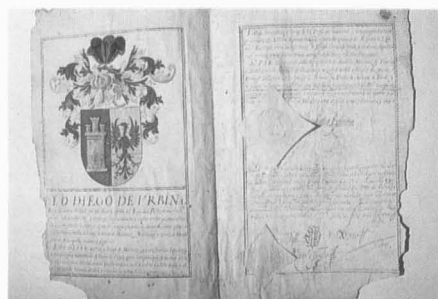
DINOSSAUROS EM SESIMBRA  
E ZAMBUJAL: EPISÓDIOS DE  
HÁ CERCA DE 140 MILHÕES  
DE ANOS

Miguel Telles Antunes

15

A LAPA DO BUGIO (SESIMBRA)

João Cardoso



35

O BRASÃO DE SESIMBRA E AS  
ARMAS DOS MARTINS DE DEUS  
— CONTORNOS DE UMA  
POLÉMICA

Ana Luisa Nolasco Viseu; Luisa Maria  
Cagica Carvalho

37

D. CARLOS DE BRAGANÇA,  
PIONEIRO DA OCEANOGRAFIA  
EM PORTUGAL

Aquário Vasco da Gama

38

O CASO DE SESIMBRA  
— MEMÓRIA DE UMA  
CONSPIRAÇÃO POLÍTICA  
NOS FINAIS DO SÉC. XIX

Ana Luisa Nolasco Viseu

41

AS CÉDULAS CAMARÁRIAS

António Reis Marques

43

POESIA POPULAR

UM OLHAR A SESIMBRA  
Celestina Cagica;  
ÀS ARTES DE XÁVEGA EM 1930  
Augusto P. Sobral

45

SUBSÍDIOS PARA  
O CONHECIMENTO DA  
ARQUITECTURA POPULAR  
DO CONCELHO DE SESIMBRA

Vítor Mestre

## FICHA TÉCNICA

**Título:**  
Sesimbra Cultural  
**Ano 1; N.º 0, Dezembro de 1989**  
**Edição e Propriedade:**  
Câmara Municipal de Sesimbra  
**Redacção e Administração:**  
Largo Luís de Camões  
2970 SESIMBRA  
Tel. 223 38 55  
Telex: 18 720 ZAMBRA P

**Direcção:**  
Esequiel Lino  
**Coordenação:**  
Isabel Mota e Luisa Carvalho  
**Concelho de Redacção:**  
Ana Luisa Viseu, Isabel Mota,  
João Pinhal e Luisa Carvalho  
**Grafismo:**  
Fernando Carvalho

**Colaboraram neste  
número:**  
Ana Luisa Viseu, António Reis  
Marques, Aquário Vasco da  
Gama, Augusto Pinto Sobral,  
Celestina Cagica, Eduardo da  
Cunha Serrão, Isabel Mota,  
João Cardoso, João Pinhal,  
Luisa Carvalho, Miguel Telles  
Antunes, Odete Graça, Vítor  
Mestre

**Impressão  
e Fotocomposição:**  
Tipografia Imprigráfica  
**Depósito Legal:** 253 93/89  
**Tiragem:** 1000 exemplares  
**Periodicidade:**  
Semestral (Dezembro/Junho)  
**Preço de venda ao público:**  
1000\$00

# A LAPA DO BUGIO (SESIMBRA)

João Luis Cardoso \*



Situação da Lapa do Bugio (assinalada por setas) na encosta sul da Arrábida

## 1 — Introdução

Por solicitação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, em colaborar em revista de índole cultural, a editar pela Autarquia, considerou-se de interesse a apresentação de forma resumida, das principais conclusões obtidas do estudo exaustivo do material arqueológico exumado da Lapa do Bugio, cujo estudo se encontra em curso de impressão; constituirá monografia extensa coordenada pelo signatário, em que intervieram diversos especialistas. Dela, respigam-se, agora, algumas considerações de ordem arqueológica então redigidas pelo signatário, e que constituem as «Conclusões de fim de trabalho» da referida monografia.

## 2 — Situação natural e trabalhos realizados

A Lapa do Bugio abre-se na parte superior de escarpa calcária jurássica da encosta sul da serra da Arrábida, com declive superior a 25% e na proximidade do limite da superfi-

cie de abrasão que ocupa o topo da serra. As suas coordenadas são as seguintes:  $X = 109,4$ ;  $Y = 163,3$ .

Do ponto de vista florístico a área de implantação de gruta é caracterizada, de acordo com a carta de vegetação potencial (S.E.A. 1980), pelo matagal xerofítico dominado pelo *Juniperus phoenicia* (Sabina da praia), *Pistacia lentiscus* (Trovisco fêmea) e *Quercus coccifera* (Carrasco). A diferença entre a média das temperaturas máxima de estio e mínima de Inverno é de  $15^{\circ}$  a  $17,5^{\circ}$  centígrados e a precipitação média é da ordem dos 900 a 1050 mm. Está incluída em área de protecção total (S.E.A. 1980), correspondendo, assim, a área que pela sua natureza geológica, arqueológica, histórica, paisagística, florística e faunística deverá ser considerada de protecção...

As escavações efectuadas na Lapa do Bugio em 1966 confirmaram a existência dum importante necrópole pré-histórica, constituída por dez sepulturas individuais, por vezes delimitadas por lajes calcárias. Foi ainda escavado um ossário e um esconderijo, este essencialmente constituído por um conjunto

de materiais de pedra polida e por um vaso, depositados no fundo da cavidade, ainda encontrados em posição ritual.

No final dos trabalhos a gruta encontrava-se totalmente esvaziada, exceptuando-se um testemunho conservado do lado leste da entrada que, entretanto, desapareceu. O corte estratigráfico então realizado revelou a existência de apenas uma camada arqueológica, contendo as sepulturas.

A intervenção de 1966, foi antecedida de outras, além de verdadeiras pilhagens de material. A interpretação, una e global, dos resultados que uma escavação metódica propiciaria ficou, assim, irremediavelmente perdida. Resta o estudo do material recolhido nas escavações de 1966 da responsabilidade de G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e Rafael Monteiro bem como o recolhido nas iniciais, da responsabilidade de Rafael Monteiro e E. da Cunha Serrão, parcialmente conservado no Museu de Sesimbra. O material conservado nas colecções da Faculdade de Ciências do Porto foi figurado na sua maior parte por A. Isidoro (ISIDORO, 1963, 1964, 1968), não se tendo considerado de especial interesse a sua rerepresentação.

Neste trabalho apresentam-se as principais conclusões decorrentes do estudo dos materiais provenientes das escavações de 1966 bem como dos actualmente conservados no Museu de Sesimbra.

## 3 — Estrutura dos enterramentos e ritual funerário

Os enterramentos encontravam-se perfeitamente individualizados, facto que deve ser realçado. Com efeito, são escassos os elementos que apontam para este tipo de enterramento em grutas naturais no Neolítico final — Calcolítico inicial, época em que estes se integram. Neste caso poderá, talvez, contar-se, a Lapa da Galinha (SÁ, 1959). A escavação desta necrópole em gruta natural do Concelho de Alcanena, foi realizada no princípio do séc. XX por F. A. Pereira (1908). De acordo com M. C. Sá, «Alves Pereira chamou sepultura ao conjunto de um crânio e alguns ossos. Classificou cerca de 61 sepulturas» (op. cit. p. 118), encontrando-se «os crânios espalhados na gruta pelas cavidades e saliências». Mais evocativo é o exemplo apontado por ROCHA (1899-1903) na Caverna de Alqueves (Coimbra), provavelmente neolítica, onde deparou com sepulturas individuais definidas por ortóstatos. Outra gruta natural contendo uma sepultura perfeitamente individualizada é a da Ponte da Laje (VAULTIER et al. 1959). O esqueleto encontrava-se estendido, aproveitando uma pequena anfractuosidade da parede lateral direita da entrada da gruta; do lado oposto, a sepultura encontrava-se definida por «uma pequena parede com blocos de calcário de pequenas dimensões» (idem, p. 112). Este enterramento poderá ser atribuído ao Neolítico final, de acordo com o espólio recolhido.

A existência de sepulturas individuais no Neolítico antigo evolucionado e médio da Estremadura não está ainda suficientemente esclarecida. Na Gruta do Escoural reconheceu-se a existência de sepulturas individuais em fossa, do Neolítico médio (SAN-

TOS, 1971); outro exemplo, este do Neolítico recente-final, é a Gruta das Salemas (CASTRO et al. 1972). O mesmo se verifica na Lapa da Bugalheira (PAÇO et al. 1971), embora a idade das sepulturas não tenha sido determinada em pormenor (neolíticas ou calcolíticas?).

Atente-se, ainda, ao facto de, em alguns sepulcros megalíticos, grutas artificiais e sepulturas em falsa cúpula, se terem encontrado rudimentos de divisórias ou septos interiores destinados a separar as diversas deposições funerárias. Foram compulsados os seguintes casos:

Antas — Anta Grande do Zambujeiro (informação verbal de C. T. da Silva).

Grutas Artificiais — Folha das Barradas. Neste monumento a câmara estava repartida em compartimentos limitados por septos (RIBEIRO, 1980, p. 79-80).

Monumentos de falsa cúpula — Marcela (VEIGA, 1886, Est. XII, p. 259): «a cripta no quadrante de Sueste manifestou três compartimentos forrados por lajes toscas cravadas no solo mas pouco elevadas». Monumento I do Monte Velho (VIANA et al. 1959, fig. 1, n.º 2 e VIANA et al. 1961, p. 485). Do lado esquerdo da câmara encontrou-se uma divisória rectangular encostada à parede lateral constituída por quatro lajes postas verticalmente, assentes sobre o chão lajeado da câmara.

Na região de Los Millares e Huelva conhecem-se, também, vários exemplos de túmulos de falsa cúpula com divisórias interiores (LEISNER, 1943).

Semelhante função teriam as lajes postas no chão de certos monumentos com em Arriفة (VEIGA, 1886, fig. 56, p. 246-247). Neste monumento de falsa Cúpula, o pavimento da cripta era calçado de pedra miúda. No meio da calçada assentava uma laje lisa de xisto, sobre a qual jaziam alguns fragmentos ósseos, pedaços de louça, uma ponta («frecha») de sílex e uma lasca de osso furada e pontiaguda «deixando perceber que sobre aquela reservada superfície tinham sido depositadas algumas relíquias humanas de maior veneração». Leite de VASCONCELOS menciona outro exemplo em uma Anta de Trás-os-Montes (1897, p. 248).

O ossário identificado em 1966, foi descrito como um recinto pequeno e fundo revestido a toda a volta por grossas pedras, um verdadeiro amontoado de ossos humanos e materiais (MONTEIRO et al. 1971, p. 109). Esta estrutura, bem como as presumivelmente destruídas nas explorações anteriores, têm, igualmente, diversos paralelos. Um deles encontra-se na gruta da Furninha, de acordo com as observações recolhidas por DELGADO (1884) evidenciando-se fragmentação de ossos humanos por oposição aos dos animais que os acompanhavam (p. 215 a 223), indício, para o autor, de que os corpos não entravam inteiros na gruta mas já esquarterados (p. 222). Tais observações encontram-se corroboradas por outras de acordo com o referido por Delgado (Casa da Moura, Lapa Furada e outras grutas de Cesareda), no respeitante ao estado fragmentário dos ossos.

Um dos paralelos mais sugestivos é o da vizinha Lapa do Fumo: para o horizonte B,

atribuível ao Neolítico recente-final (SERRÃO et al. 1971, p. 136-137), descreve-se o ritual que presidiu à deposição dos restos humanos, que constituíam verdadeiro ossário.

Outros paralelos encontram-se no ossário, igualmente do Neolítico final, da Gruta da Feteira (ZILHÃO, 1984, p. 30) e no da Gruta dos Ossos, de cronologia ainda mal conhecida (OOSTERBECK, 1987). Este apresenta a particularidade de revelar arrumação dos ossos, de acordo com o seu tamanho.

Em conclusão, as sepulturas individualizadas da Lapa do Bugio, bem como o ossário, funcionando este como depósito secundário, são testemunhos importantes das práticas funerárias do Neolítico recente-final. A sua similitude com outras jazidas mostram-nos que se integram nas práticas funerárias usuais no Neolítico recente-final da Estremadura.

Outro aspecto destas práticas diz respeito à presença de ocre vermelho de que foi encontrado um pequeno fragmento em conjunto atribuído sem certeza à sep. 9; MONTEIRO et al. 1971, referem outros fragmentos na sep. 3 (2), sep. 8 (1), sep. 9 (1) e no ossário (um fragmento de almagre e outro de ocre), que não figuram entre o espólio agora estudado.

Também a enxó representada na Est. 8 n.º 17, recolhida nos trabalhos de limpeza que antecederam as escavações de 1966, apresenta vestígios de pintura a ocre que, originalmente, cobria a totalidade de ambas as faces.

A utilização ritual do ocre vermelho foi, igualmente, documentada na Lapa do Fumo: o ossário ali escavado foi polvilhado, no final das cerimónias que presidiram à sua deposição, com ocre vermelho (SERRÃO et al. 1971, p. 136-137).

A pintura dos materiais líticos de pedra polida encontra-se, igualmente documentada num objecto de pedra polida, ainda não publicado, proveniente de monumento megalítico dos arredores de Lisboa que, tal como a presente estação, remonta ao Neolítico recente-final.

#### 4 — Enquadramento cronológico-cultural

Em trabalho anterior dedicado ao estudo preliminar da jazida (MONTEIRO et al. 1971, p. 117) os autores consideraram extraordinário o aparecimento de objectos de metal. O estudo exaustivo do espólio agora realizado, veio mostrar, com efeito, a predominância de materiais do Neolítico recente-final, que constituem conjunto homogêneo e compatível com as associações definidas na região estremenha. Deste período, consideram-se característicos os seguintes elementos: as pontas de seta apresentam base frequentemente pedunculada, convexa ou recta, e embora coexistindo com pontas de seta de base côncava, estão ausentes as mitriformes. São abundantes as peças microlíticas: triângulos, trapézios, lamelas e «enoches». As grandes lâminas, ou não se apresentam retocadas, ou são-no apenas junto do gume. Conforme já se afirmou em trabalho anterior (CARDOSO, 1980), as indústrias microlíticas são, dum modo geral, escassas, nos povoados calcolíticos estremenhos (SPINDLER et al. 1970), o mesmo se observando nas sepulturas de falsa cúpula daquela região (GALLAY et al. 1973). Pelo contrário, abundam em

grutas naturais (Cascais, Cova da Moura, Galinha, etc.) e artificiais (Alapraia, Palmela, Carenque) e no Alentejo, nas antas de espólio neolítico ou de transição (LEISNER, 1951) da região de Reguengos e de Montemor.

Os machados possuem secção ovalada ou quadrangular — rectangular, sendo mais frequentes os primeiros, apenas com os gumes polidos e a superfície restante picotada.

As enxós, semelhantes às de outras jazidas do Neolítico recente-final, ocorrem em número significativo. A associação do machado de secção ovalada ou quadrangular à enxó espalmada, totalmente polida, foi já salientada em trabalho anterior (CARDOSO, 1980). Tal associação foi comprovada nas grutas naturais das Salemas — nível neolítico (CASTRO et al. 1972), da Cova da Moura (BELO et al. 1961), de Cascais (PAÇO et al. 1959) e da Galinha (SÁ, 1959), nas grutas artificiais de Palmela (LEISNER et al. 1961) e na gruta II de S. Pedro do Estoril (LEISNER et al. 1964). Já nos povoados calcolíticos estremenhos, onde predomina o machado rectangular, o número de enxós é mais reduzido, como explicitamente é referido em Vila Nova de S. Pedro (PAÇO et al. 1945). Tal facto foi sublinhado, igualmente, pelos Leisner no Alentejo: nas zonas onde prevalece o machado de secção rectangular, como nas Antas de Évora, Montemor, Pavia e Nisa, escasseiam as enxós. Pelo contrário, nas Antas de Reguengos, que exploraram, recolheram vinte e oito machados cilíndricos e dezoito enxós (LEISNER, 1951).

Nos elementos de adorno, são bons indicadores da idade neolítica recente-final, os alfinetes de cabeça postiça, canelada ou lisa. Tais objectos ocorrem em número significativo na câmara ocidental do Monumento da Praia das Maças, mas não nos tholos a ela geminados. Conhecem-se em monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa, grutas naturais e artificiais. Muito mais raramente, referenciaram-se em monumentos calcolíticos: tholoi de Barro (LEISNER, 1965, tf. 1, n.º 19) e Nora (LEISNER, 1943, tf. 73, 1, n.º 41). Aos alfinetes de cabeça postiça, podem somar-se as contas discóides de xisto e de azeviche encontradas em estrato selado da vizinha Lapa do Fumo datado de 3090 ± 160 a.C. (SERRÃO, 1978). As contas, em geral, são elementos de diferenciação cronológica duvidosa. Cita-se o exemplo das contas de minerais verdes, que aparecem em contextos desde o Neolítico recente-final até, pelo menos, o período campaniforme.

As placas de xisto, muito bem representadas no Bugio, são outro elemento significativo para a periodização da jazida. A ocorrência de placas de xisto na orla ocidental deve ser encarada, até pela natureza da matéria-prima em que são executadas, como contribuição do interior alentejano durante o Neolítico recente-final. Uma das jazidas mais significativas e de maior interesse pela proximidade com o Bugio é a já referida Lapa do Fumo, onde um conjunto selado, constituído por placas de xisto, micrólitos e cerâmica lisa foi datado, como já se disse, em 3090 ± 160 a.C. (SERRÃO et al. 1971). A sua sobrevivência no Calcolítico encontra-se, porém, demonstrada na mesma região, conforme mostra o exemplar proveniente do povoado do Calcolítico inicial do Pedrão (SOARES et al. 1975). Deve ser realçada a placa com re-

apresentação do idolo almeriense (Est. 5, nº 2) pelas implicações cronológicas e culturais que daí advêm.

As placas de xisto, somam-se as duas estatuetas de coelhos geminados (Est. 4, nº 10) cujo paralelo mais próximo, se encontrou na já mencionada camada neolítica da Lapa do Fumo (SERRÃO et al. 1971) embora este exemplar represente animal isolado. Como se disse anteriormente, a ocorrência destas estatuetas predomina nas grutas naturais da Estremadura.

A cerâmica recolhida no Bugio é, na sua grande maioria, lisa. As formas lisas correspondem, sobretudo, a recipientes esféricos, taças em calote e carenadas, tal como as recolhidas na camada neolítica da Lapa do Fumo estreitamente afim da cultura dolménica alentejana (SERRÃO, 1978).

Das formas decoradas, muito escassas, há uma que, nas jazidas estremenhas, é característica do Neolítico final: trata-se dos recipientes de bordos denteados. Os bordos denteados do Neolítico final são, em geral, executados em recipientes com bordo, em forma de aba extrovertida apresentando-se denteados na face externa do lábio; raramente o são na parte superior, diferenciando-se, por esta característica, de exemplares mais recentes, pertencentes ao Bronze Final. Estes bordos denteados (Est. 13, nº 1 e 2), associam-se no Bugio a esférico com decoração unguiforme impressa em faixas verticais, de tradição mais antiga (Est. 13, nº 8). Também um «copo» com decoração incisa em «zigue-zague» tem paralelo em recipiente análogo, de gruta alcobacense (GONÇALVES, 1978), pertencente ao Neolítico.

Todos os elementos referidos até agora podem definir, em conjunto, a primeira utilização da gruta como necrópole. Esta ocupação corresponde, pois, ao Neolítico recente/final, e foi datada pelo carbono 14. A datação obtida foi originalmente entendida como interessando ao período campaniforme, visto a sepultura onde a amostra foi recolhida conter fragmentos desta cerâmica (MONTEIRO et al. 1971). A análise deu o seguinte resultado: GrN-5628-Lapa do Bugio-485 ± 45 B, P. = 2800 ± 45 a.C. (VOGUEL, in SOARES et al. 1984).

A um segundo período de ocupação do Bugio, remontando ao Calcolítico inicial-pleno, podem atribuir-se especialmente, os seguintes materiais:

**Objectos de Carácter utilitário** — recipientes de osso com decoração reticulada na face externa;

**Objectos com significado mágico-religioso:** cilindros, semi-cilindros, «pinhas», ídolos tronco-cónicos e placas arqueadas de calcário, ídolos de gola de osso e de marfim.

Note-se que estes produtos se encontram reportados a sepulturas que oferecem, sem excepção, materiais atribuídos sem dificuldade ao Neolítico final.

No Museu de Sesimbra guarda-se um numeroso conjunto de materiais do Calcolítico sobejamente referidos, e diversos ídolos de gola, cujas associações, todavia, se desconhecem. A integração destes materiais calcolíticos, no conjunto do espólio do Bugio poderá ser considerada de duas maneiras: admitindo a sua associação aos materiais neolíticos, caracterizados anteriormente; neste caso, teríamos um único momento, já

calcolítico, para as tumulações, embora com uma componente neolítica ainda dominante, não só ao nível dos objectos do quotidiano, mas no respeitante às concepções ideológico-religiosas: veja-se a abundância das placas de xisto, aliás bem documentadas em sepulcros alentejanos calcolíticos como o tholos do Escoural (SANTOS et al. 1969); ou, admitindo que representem um segundo momento de tumulações, que as sucessivas escavações ali realizadas não diferenciaram do primeiro momento. A reforçar esta hipótese em detrimento da anterior, há a considerar os seguintes argumentos:

1 — A datação obtida por C14: 2800 ± 45 a.C. parece ser compatível com a cronologia do final do Neolítico na Estremadura, embora apenas se conheça, com segurança, para este período, a datação rádio-carbónica já mencionada da Lapa do Fumo e datações recentemente efectuadas no Castro de Leceia, que situam o Neolítico final ca. 2500 anos a.C. (CARDOSO, 1989). O Zambujal ofereceu, como datas de rádio-carbono mais antigas, 2250 ± 55 a.C. (GrN-6671), mas estes valores dizem respeito apenas à 2ª fase das construções defensivas, tendo ficado por datar as fases 1a, 1b e 1c. Os escavadores deste povoado admitem, contudo, que o início da ocupação do Zambujal se tenha verificado por volta de 2400 a.C.

De notar que a construção da muralha mais antiga do Monte da Tumba, povoado integrável no Calcolítico do Sudoeste, foi datada de 2590 ± 90 a.C. (Ugra-172) (SILVA et al. 1985). Por outro lado, o Neolítico final com taça carenada foi datado pelo rádio-carbono no Possanco (fase Comporta III) em 2320 ± 50 a.C. (CSIC-633) (SILVA et al. 1986).

Estes valores apontam para uma longevidade do Neolítico final nas comunidades costeiras do litoral, ao mesmo tempo que o Calcolítico só fazia a sua aparição, na Estremadura e no Alentejo, por meados do III milénio a.C.

2 — MONTEIRO et al. 1959 declaram ter observado uma distribuição diferenciada dos objectos calcários por eles encontrados — os conservados no Museu de Sesimbra — relativamente às placas de xisto: «torna-se evidente que, nos locais onde há agrupamentos de ídolos de calcário, escasseiam, poderíamos dizer faltam, as placas de ardósia e vice-versa» (p. 414). Com base nesta observação, concluem pela existência de «inumações de populações de culturas diferentes em locais diferentes» (p. 415).

3 — Por último, a aparente mistura de materiais neolíticos e calcolíticos explica-se, sem dificuldade, pelos intensos remeximentos na necrópole devidos a depredações clandestinas e às condições deficientes em que as sucessivas campanhas de escavações foram realizadas. Tais remeximentos encontram-se particularmente bem demonstrados pela dispersão de fragmentos de cerâmicas campaniformes dos mesmos recipientes por várias sepulturas. Em conclusão, os três argumentos apresentados são decisivos na opção pela segunda das hipóteses, isto é, pela existência de um primeiro momento de tumulações, plenamente neolítico, seguido de outro, já calcolítico (inicial? médio?).

O terceiro e último momento de tumulações na Lapa do Bugio ocorreu no Calcolíti-

co superior, definido na Estremadura pelo aparecimento da cerâmica campaniforme. Não obstante o escasso número de exemplares representados, o elevado grau de dispersão dos respectivos fragmentos, motivou, por certo, a excessiva importância a eles atribuída e a redução abusiva da idade da jazida apenas a este período (MONTEIRO et al. 1971; ZILHÃO, 1985, Quadro II). Pelo contrário, a tipologia da esmagadora maioria do material recolhido, mostra ter o local neste período sido utilizado apenas esporadicamente. A tipologia das formas e decorações aponta para campaniformes tardios. O Grupo Internacional não ocorre. Este grupo não foi, aliás, até agora referenciado a sul da Península de Setúbal (SOARES et al. 1974-77). O Grupo de Palmela, que teria surgido no segundo momento, em resultado da miscigenação da técnica do grupo anterior com formas regionais pré-existentes, está representado por fragmento de caçoila com decoração linear pontilhada, feita ao pente. Trata-se de grupo bem representado na Península de Setúbal (Pedrão, Moinho da Fonte do Sol, Malhadas, etc.).

Por fim, o terceiro grupo, que será também o mais recente, dentro da periodização proposta por SOARES et al. (1974-77) é o Grupo Inciso. Constitui o conjunto mais numeroso no quadro dos materiais campaniformes do Bugio. É caracterizado pela técnica exclusivamente incisa de motivos decorativos, aplicados a formas já existentes, como a taça de Palmela, a caçoila acampanada e a taça em calote, todas representadas no Bugio. Será a este período que, preferencialmente, se deverão reportar os dois punções de cobre de secção rectangular recolhidos na campanha de 1966.

## 5 — Conclusões

A Jazida pré-histórica do Bugio, constitui uma das mais importantes grutas sepulcrais da faixa estremenha. Encontrava-se intacta à data das primeiras escavações, realizadas em 1957 e 1958. Vicissitudes várias, que motivaram a dissolução da primeira equipa e favoreceram diversas depredações, entretanto realizadas, impediram que, antes do recomeço dos trabalhos, em 1966, mesmo dos materiais recuperados, se pudessem extrair todas as informações neles potencialmente contidas.

Foi possível, a partir do estudo exaustivo do espólio conservado no Museu de Sesimbra e no recolhido nas escavações de 1966, estabelecer a seguinte sucessão cronológica-cultural:

**Primeira ocupação** — corresponde talvez à ocupação mais importante, integrável no Neolítico recente-final estremenho. Estreitas analogias com o «horizonte dolménico» identificado na vizinha Lapa do Fumo e datado pelo rádio-carbono de 3090 ± 160 a.C. (SERRÃO, 1978). A datação realizada no Bugio deu 2800 ± 45 a.C.

**Segunda ocupação** — corresponde muito provavelmente a momento inicial (ou pleno) do Calcolítico, definido pela presença de raros produtos, como o recipiente de osso recolhido na sep. 7 e «ídolos» de calcário, de osso e marfim.

**Terceira ocupação** — Calcolítico final, campaniforme — representada pelos Grupos de Palmela Inciso. Trata-se da ocupação menos importante, excessivamente valorizada em trabalhos anteriores, talvez pela grande dispersão de fragmentos cerâmicos que não ultrapassam, contudo, nove recipientes (alguns deles representados por apenas um fragmento): taças em calote — (1), de bordo espessado — (1), de tipo Palmela — (1), caçoilas acampanadas — (2), e vasos campaniformes — (2), além de dois recipientes de tipologia mal definida.

#### 6 — Agradecimentos

Ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra e à responsável pelo Museu Municipal pelas facilidades concedidas para o estudo dos materiais ali depositados. Ao Sr. João Pinhal, do referido Museu, endereçamos-se agradecimentos análogos pela colaboração prestada no decurso deste estudo. Ao Dr. A. B. Carvalhosa, geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal, pelas sugestões acerca da origem das matérias-primas utilizadas nos materiais líticos.

Ao Prof. Dr. M. Telles Antunes, secretário do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (INIC) pelo interesse com que acompanhou a realização deste estudo, permitindo ainda a execução de todas as lâminas delgadas naquele Centro e pela concessão de outros meios ali disponíveis.

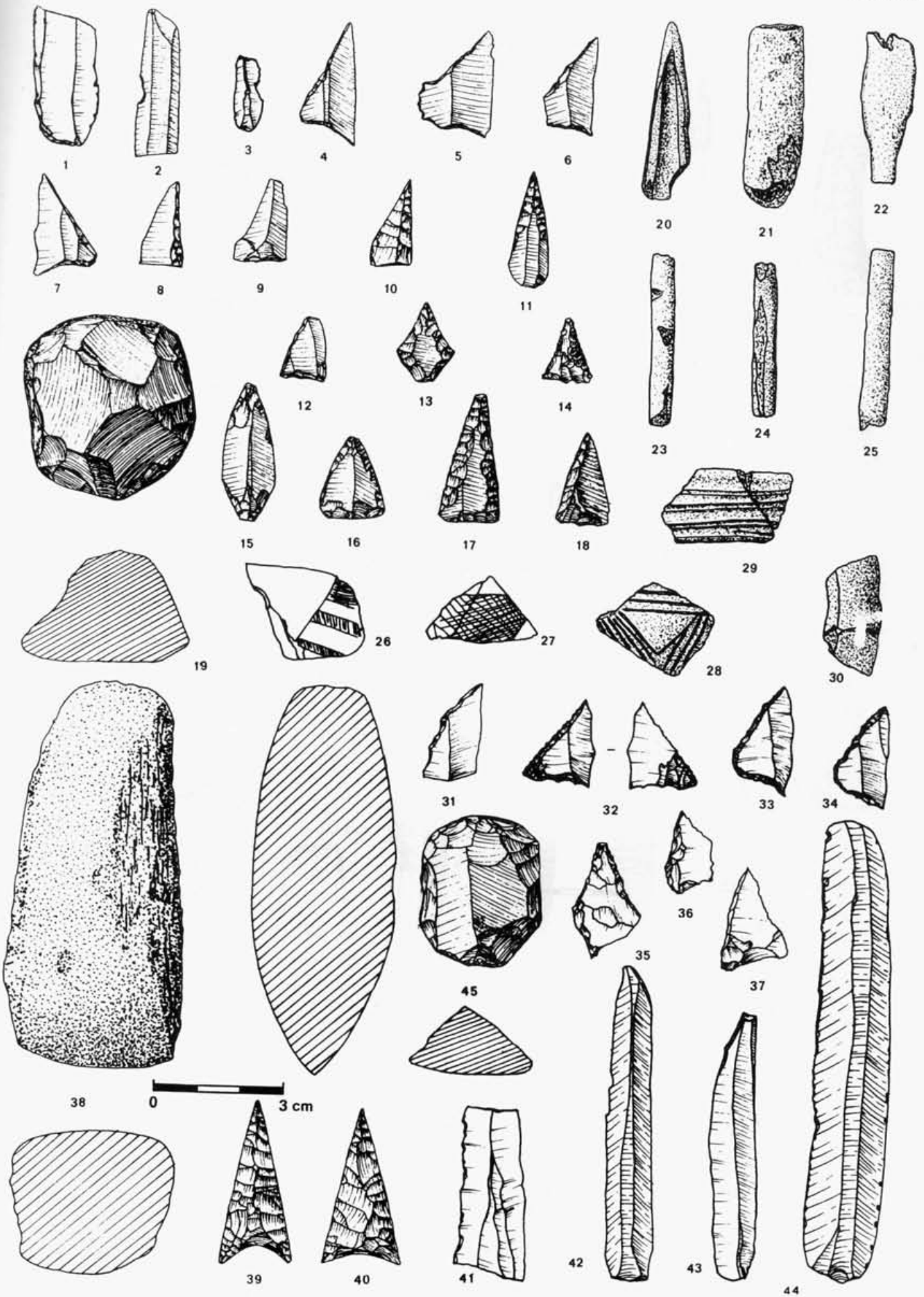
## BIBLIOGRAFIA

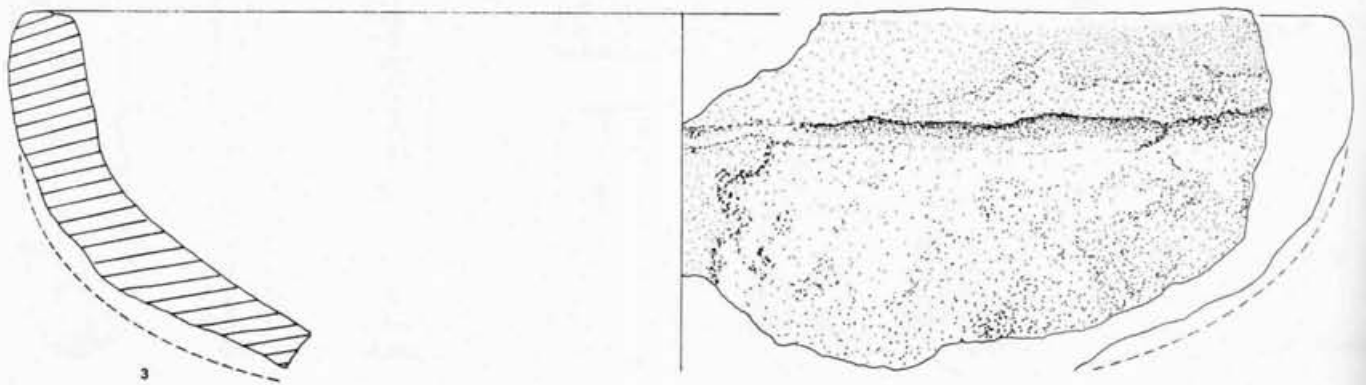
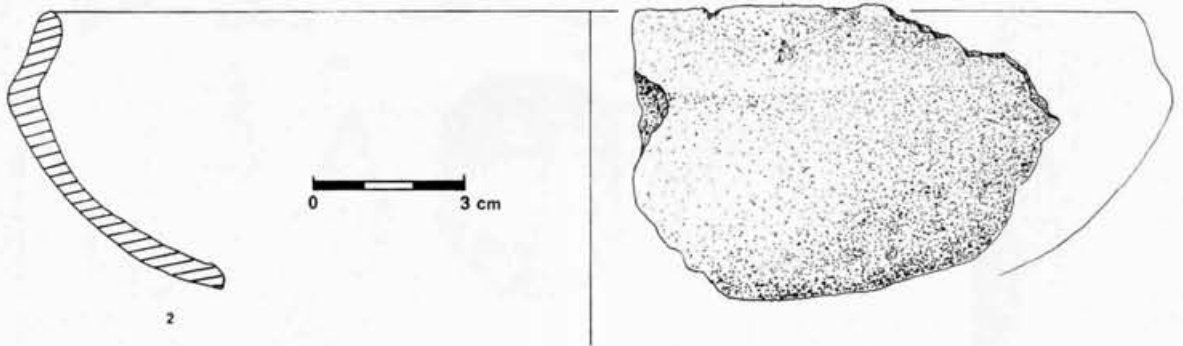
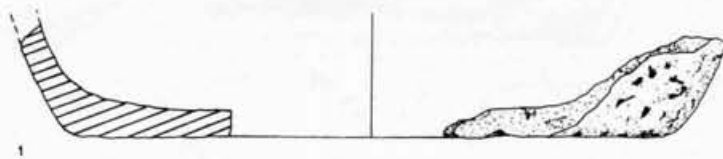
- BELO, R.; TRINDADE, L.; e FERREIRA, O. da VEIGA (1961) — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XLV. Lisboa.
- CARDOSO, J.L. (1980/81) — O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal). Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée. 1.ª Parte — *Revista de Guimarães*, Vol. XC; 2.ª Parte — *Revista de Guimarães*, Vol. XCI. Guimarães.
- CARDOSO, J.L. (1989) — Leceia. Resultados dos trabalhos efectuados. 1983-1988. Câmara Municipal de Oeiras.
- CASTRO, L. de ALBUQUERQUE e FERREIRA, O. da VEIGA (1972) — O nível neolítico da gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Arqueologia e História*, Série 9.ª, Vol. IV. Lisboa.
- DELGADO, J.F.N. (1884) — La grotte de Furninha à Peniche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la neuvième session à Lisbonne* (1880). Lisboa.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. e FERREIRA, O. da VEIGA (1973) — O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã). *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa.
- GONÇALVES, V. dos SANTOS (1970) — Sobre o Neolítico na Península de Setúbal-II — A propósito de duas placas de xisto, da Lapa do Bugio. *Actas das Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1969), Vol. I. Lisboa.
- GONÇALVES, V. dos SANTOS (1978) — A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça. *Secretaria de Estado da Cultura*. Lisboa.
- ISIDORO, A.F. (1963) — (1963) — A Lapa do Bugio (necrópole pré-histórica de Azóia). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 1. Porto.
- ISIDORO, A.F. (1964) — Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 3-4. Porto.
- ISIDORO, A.F. (1968) — Espólio arqueológico da gruta do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XX, fasc. 3-4. Porto.
- LEISNER, G. e V. (1943) — Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: der Süden. *Römisch-Germanische Forschungen*, band 17. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, G. e V. (1951) — Antas de Reguengos de Monsaraz. *Instituto para a Alta Cultura*. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da VEIGA (1961) — Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme. *Memória n.º 8 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do e RIBEIRO, L. (1964) — Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da VEIGA (1969) — Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos. *Memória N.º 16 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa.
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da VEIGA (1971) — Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Vol. I. Coimbra.
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da VEIGA (1967) — Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia). *Rev. Guimarães*, T. LXXVII. Guimarães.
- OOSTERBECK, L. (1987) — O neo-eneolítico da região de Tomar: dados e problemas. *Comunic. apres. às Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras* (1987).
- PEREIRA, F. ALVES (1908) — Crónica. *O Arqueólogo Português*, Vol. XIII. Lisboa.
- PAÇO, A. do; BARTHOLO, M. de L. e BRANDÃO, A. (1959) — Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Vol. I. Lisboa.
- PAÇO, A. do e JALHAY, E. (1945) — El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, T. XX. Madrid. Reimpresso em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, Vol. II, ed. *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da VEIGA (1971) — Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. LV. Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1880) — Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. *Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa.
- ROCHA, A. dos SANTOS (1899-1903) — A caverna dos Alqueves. *Portugalia*, Série I, T.L, fasc. 1 a 4. Porto.
- SÁ, M. C. M. de (1959) — A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Vol. I. Lisboa.
- SANTOS, M. FARINHA dos (1971) — Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. III. Lisboa.
- Serviço de Estudos do Ambiente (S. E. A.) (1980) — Ordenamento do Concelho de Sesimbra. Lisboa.
- SERRÃO, E. da CUNHA (1967) — As grutas de Sesimbra-II — Duas grutas da região de Sesimbra contendo materiais arqueológicos atribuíveis à cultura do vaso campaniforme, vistas pelo arqueólogo Octávio da Veiga Ferreira. *Bol. do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, Vol. I. Sesimbra.
- SERRÃO, E. da CUNHA (1973) — Carta arqueológica do concelho de Sesimbra. *Junta Distrital de Setúbal*.
- SERRÃO, E. da CUNHA (1978) — A Lapa do Fumo. Aspectos e métodos da pré-história. *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, n.º 1. Porto.
- SERRÃO, E. da CUNHA e MARQUES, G. (1971) — Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), Vol. I. Coimbra.
- SILVA, C. TAVARES da e SOARES, J. (1985) — Monte da Tumba (Torrão). Eine befestigte siedlung der Kupferzeit im Baixo Alentejo. *Madrider Mitteilungen*. Mainz.
- SILVA, C. TAVARES da; SOARES, J.; CARDOSO, J.L.; CRUZ, C.S. e REIS, C. A. S. (1986) — Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas <sup>14</sup>C) e paleoambientais. *Arqueologia*, n.º 14. Porto.
- SOARES, J.; SOARES, A. M. e SILVA, C. TAVARES da (1975) — A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, Vol. I. Setúbal.
- SOARES, J. e SILVA, C. TAVARES da (1974/77) — O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. VII-IX. Lisboa.
- SPINDLER, K. e TRINDADE, L. (1970) — A póvoa eneolítica do Penedo — Torres Vedras. *Actas das Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1969), Vol. II. Lisboa.
- VASCONCELOS, J. LEITE de (1897) — Religiões da Lusitânia, Vol. I. Imprensa Nacional. Lisboa.
- VAULTIER, M.; ROCHE, J. e FERREIRA, O. da VEIGA (1959) — Novas escavações na gruta da Ponte da Laje. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Vol. I. Lisboa.
- VEIGA, S. P. M. ESTÁCIO da (1886) — Antiquidades Monumentais do Algarve. Tempos pré-históricos, Vol. I. Imprensa Nacional. Lisboa.
- VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. FREIRE de; SERRALHEIRO, A. e FERREIRA, O. da VEIGA (1959) — Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Vol. I. Lisboa.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. FREIRE de e FERREIRA, O. da VEIGA (1961) — O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XLV. Lisboa.
- ZILHÃO, J. (1984) — A gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 1. Lisboa.

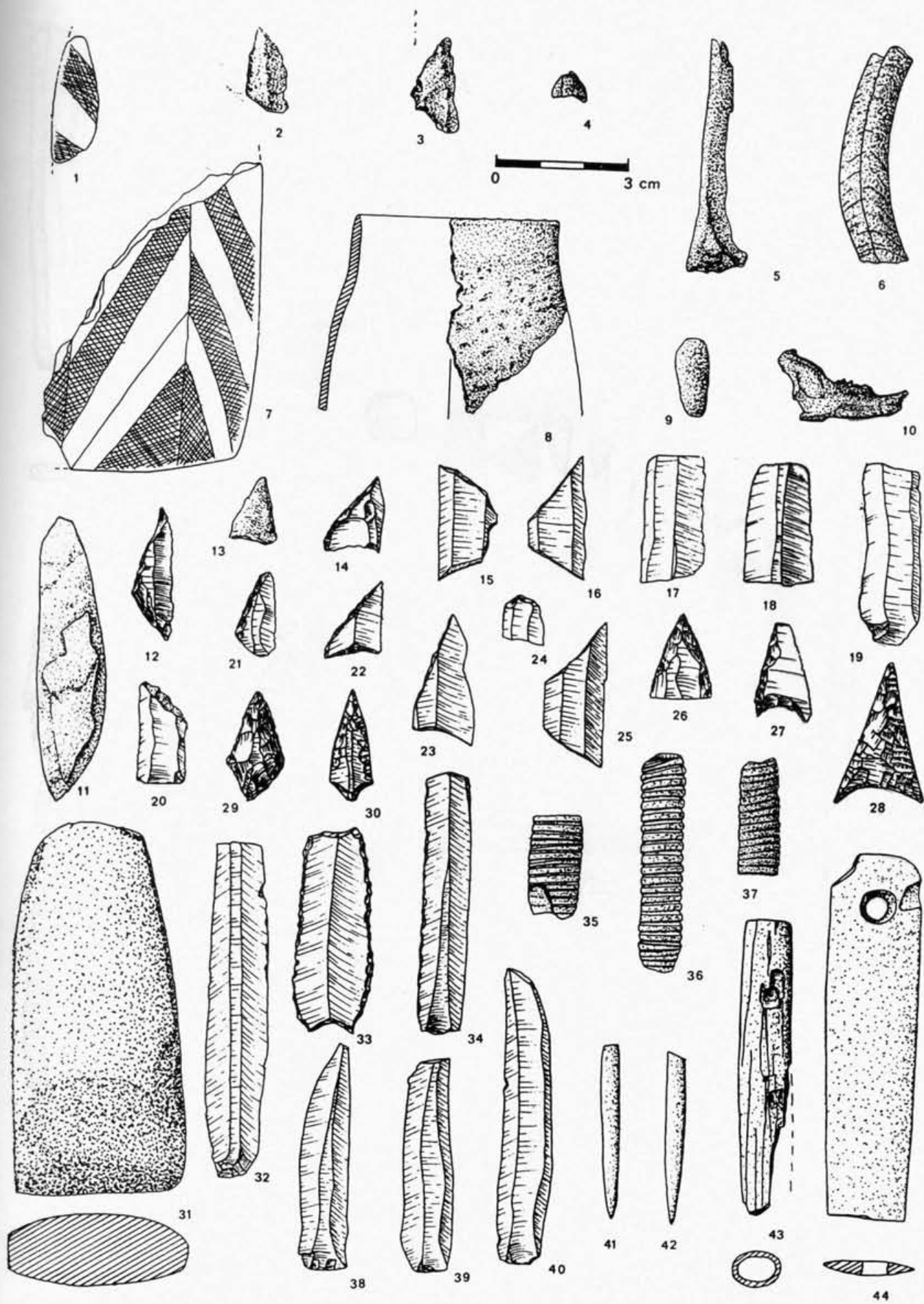
#### AUTORIA DAS ILUSTRAÇÕES

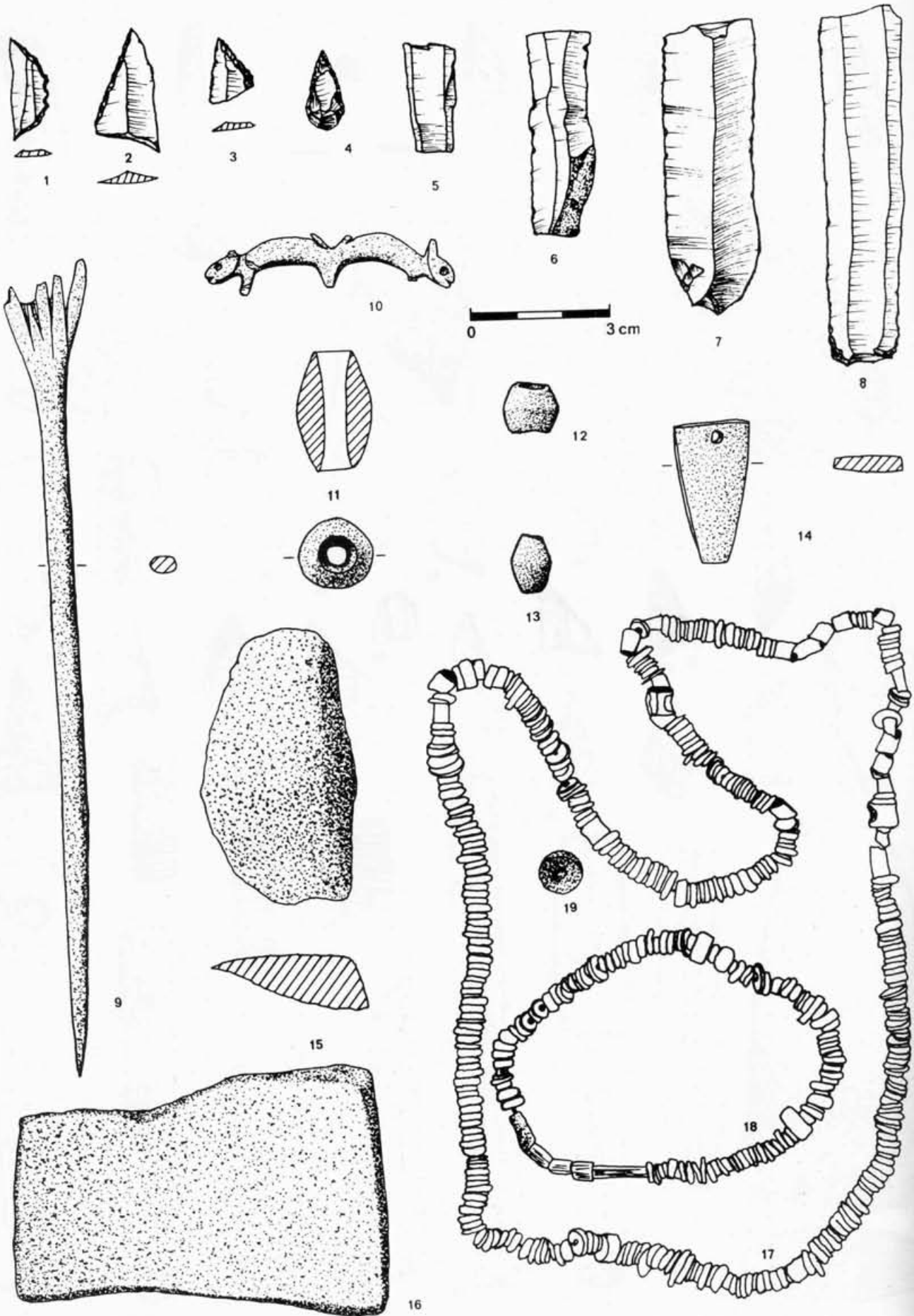
J. L. Cardoso, B. L. Ferreira e J. S. Rodrigues

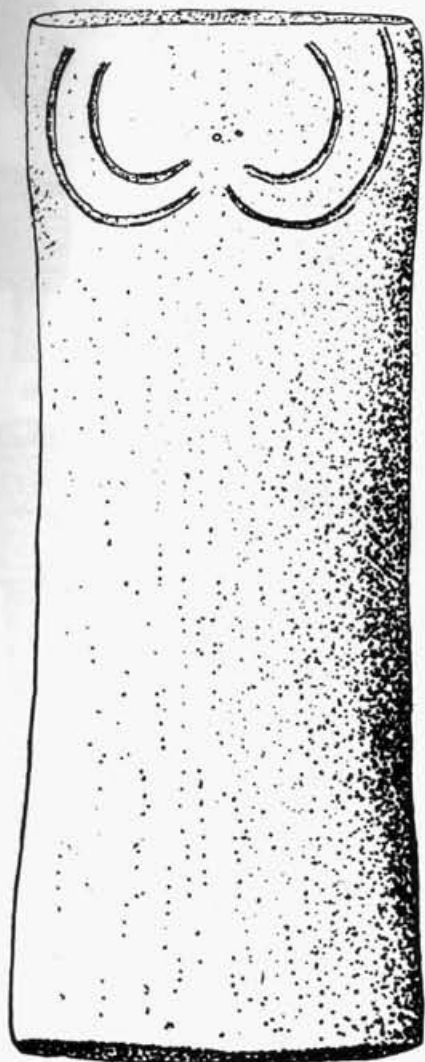
\* Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.  
Quinta da Torre, 2825, Monte da Caparica



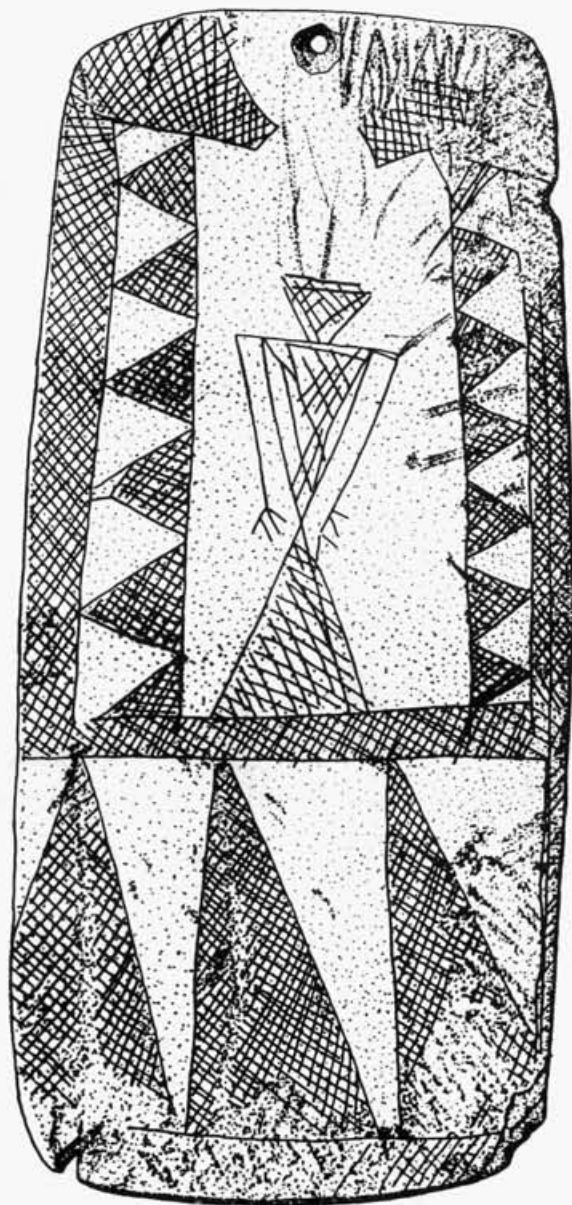




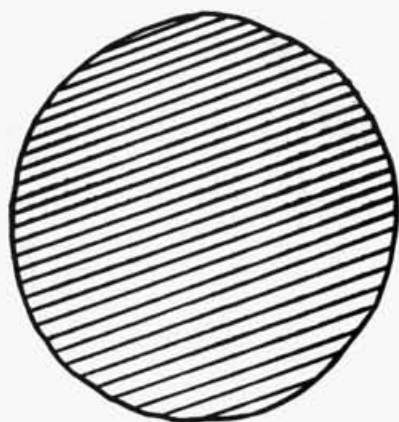


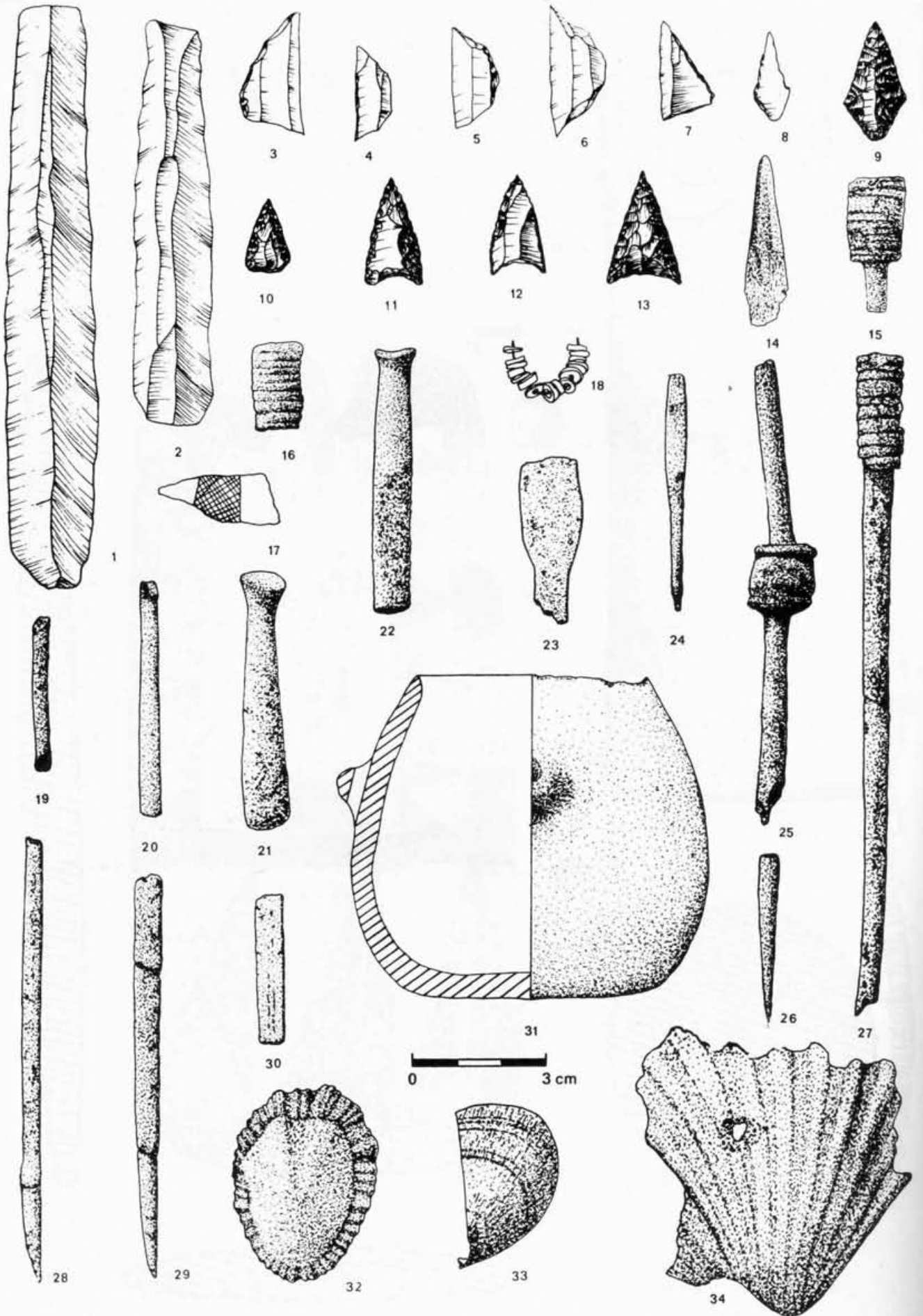


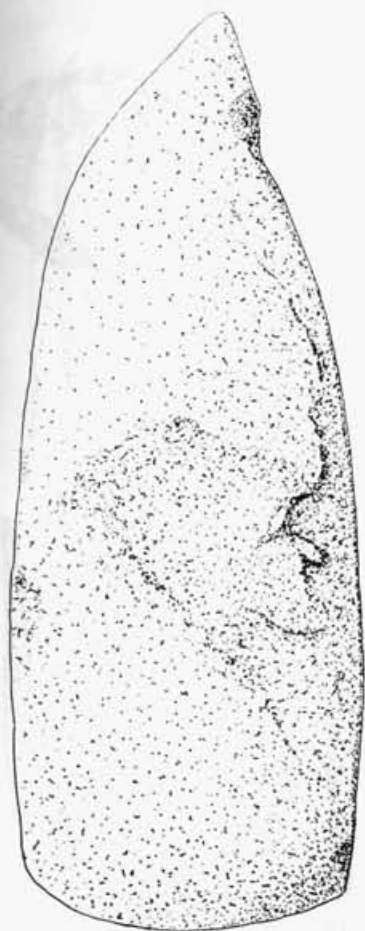
1



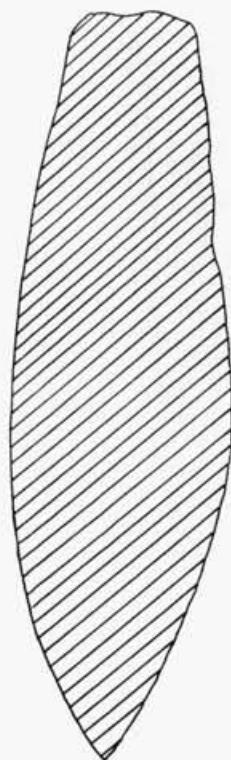
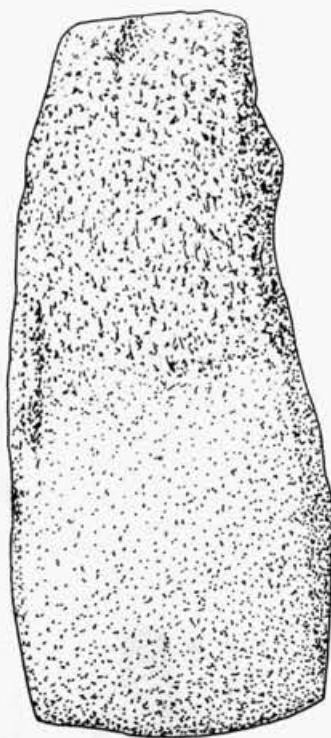
2



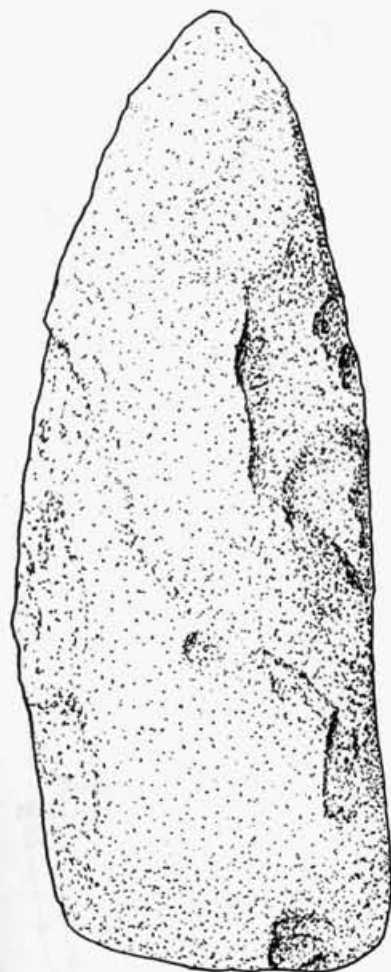




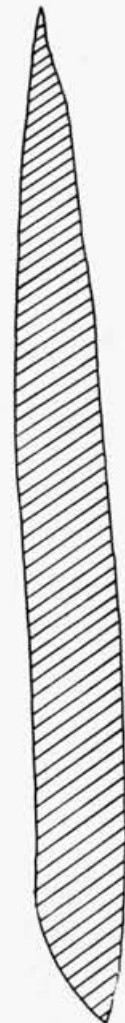
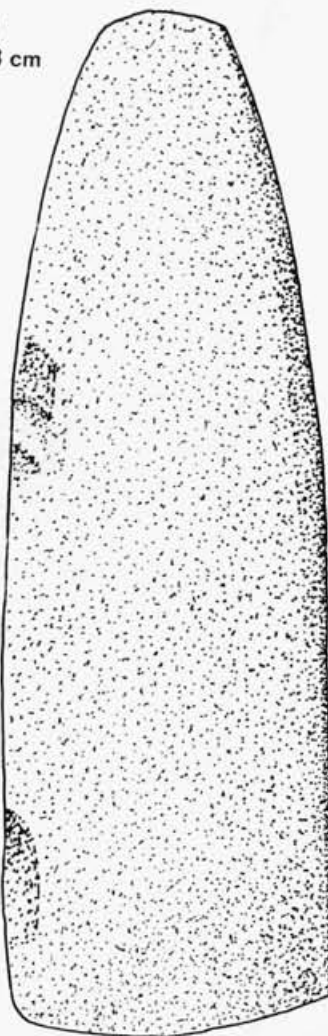
1



2

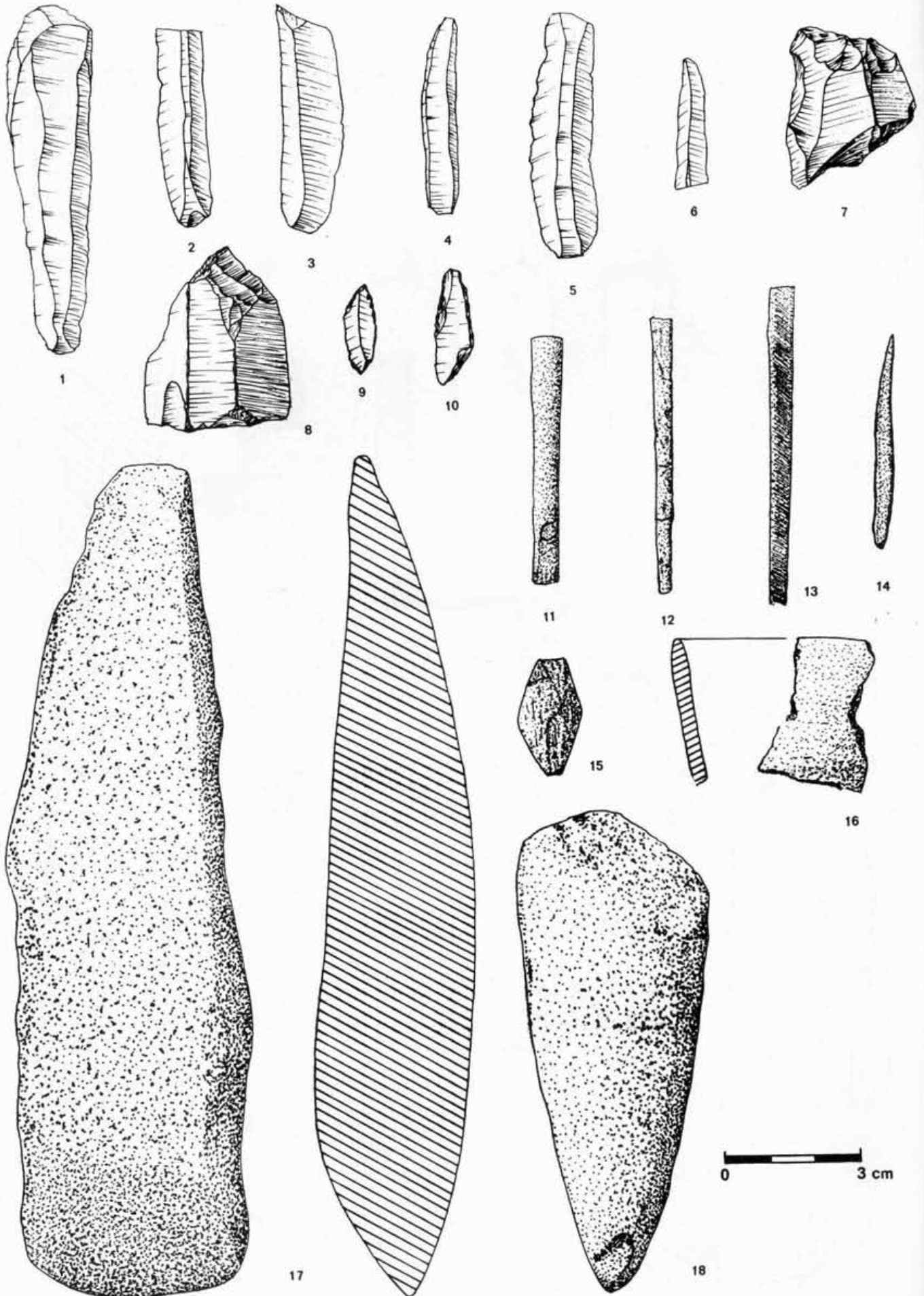


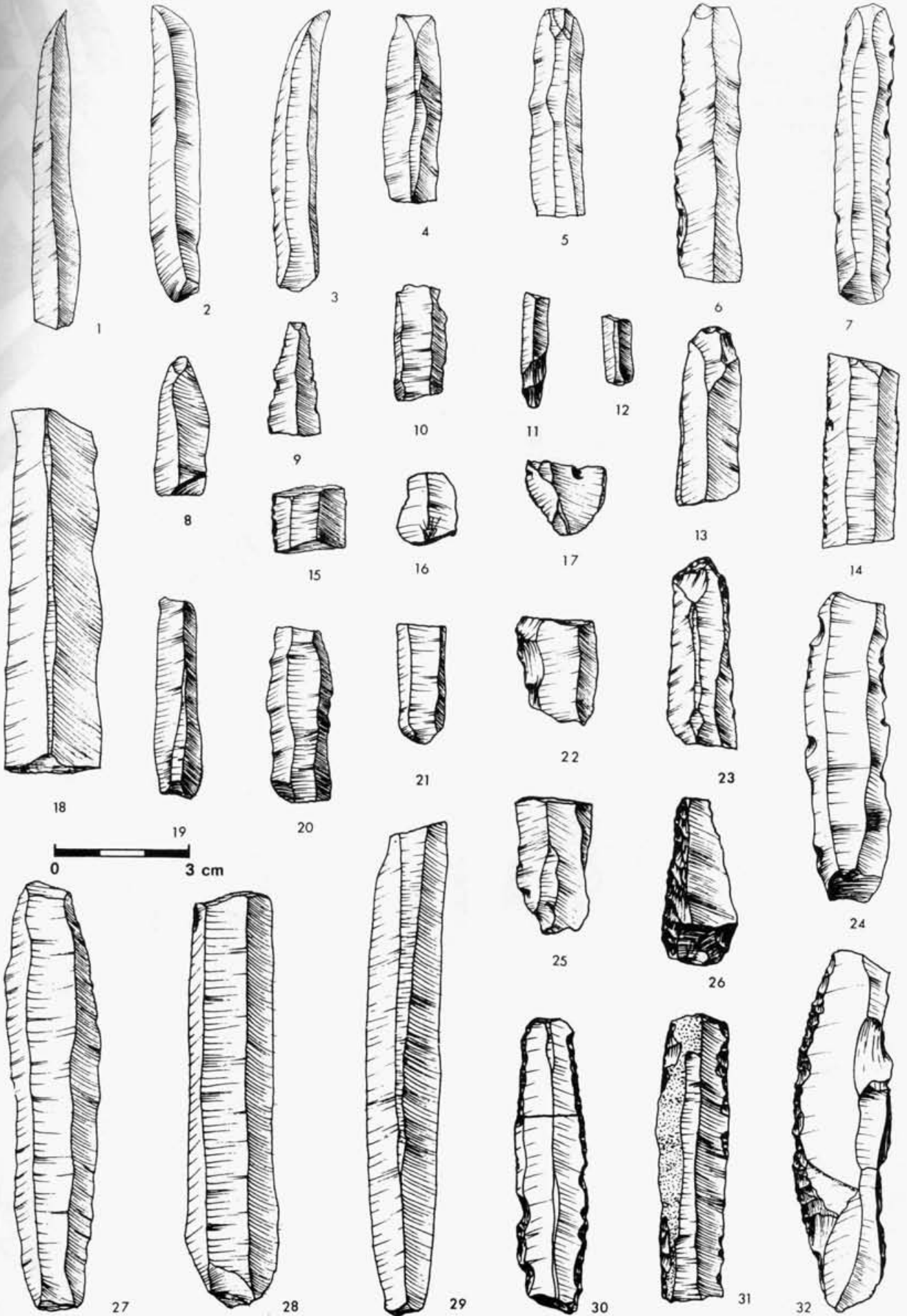
3

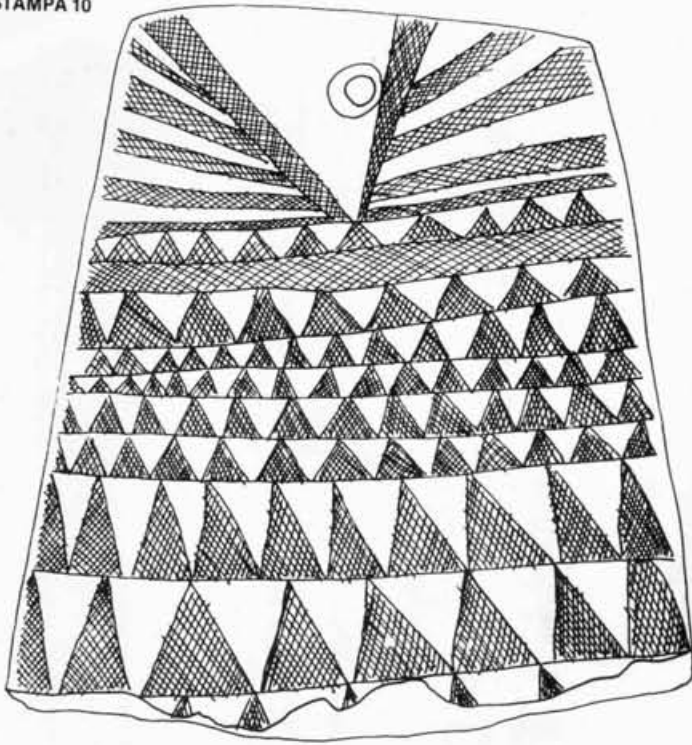


4

ESTAMPA 8



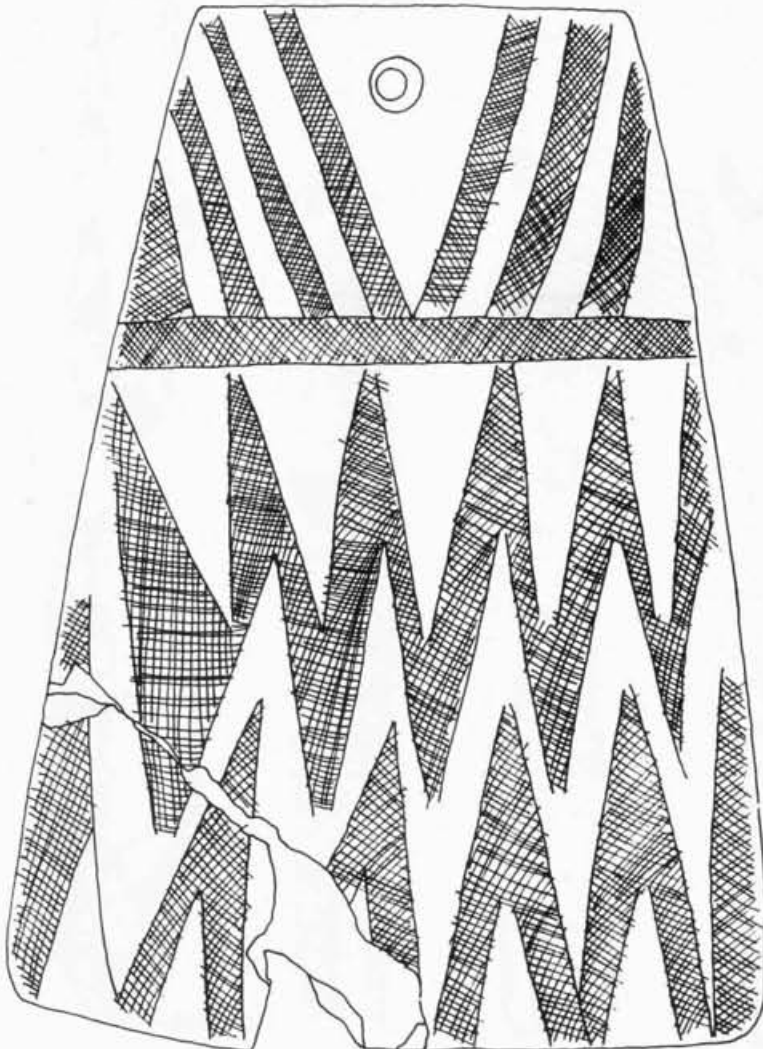




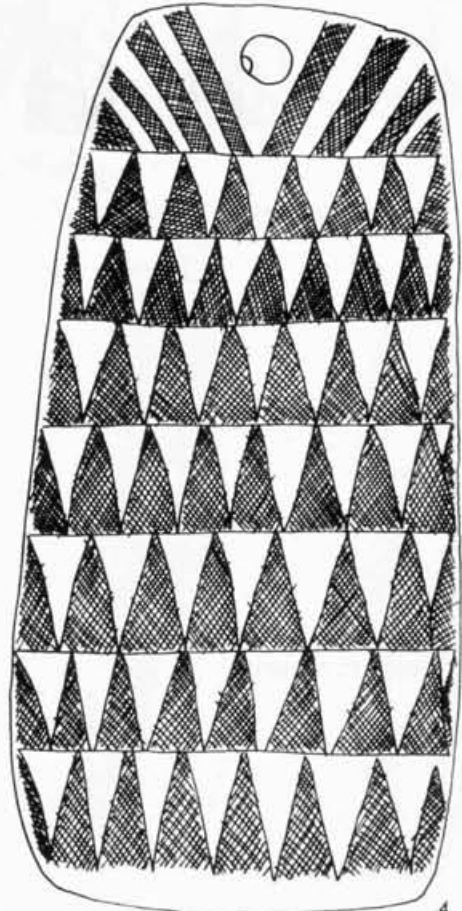
1



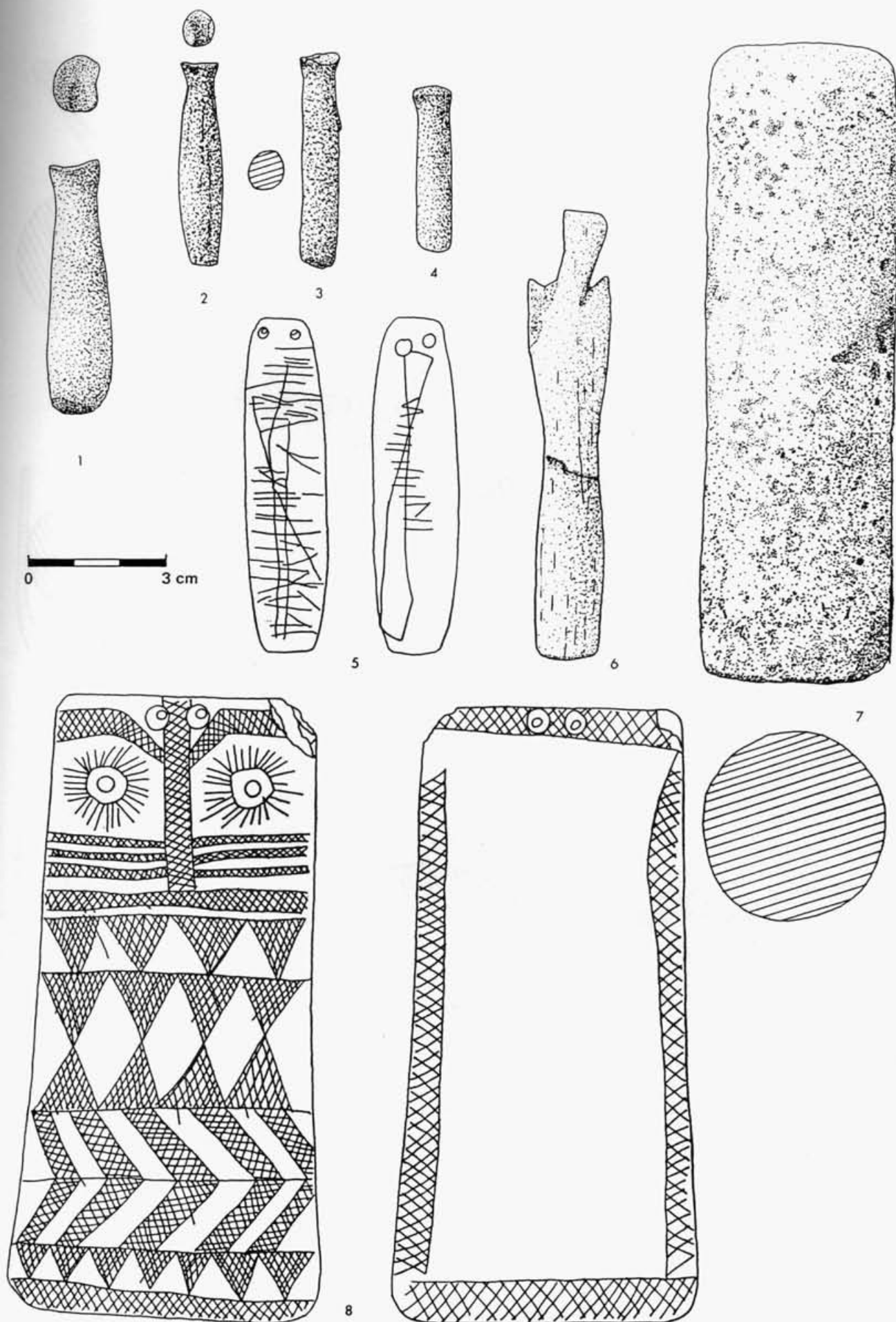
2

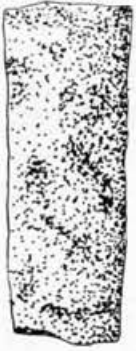


3

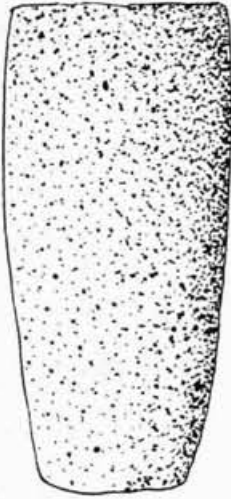


4

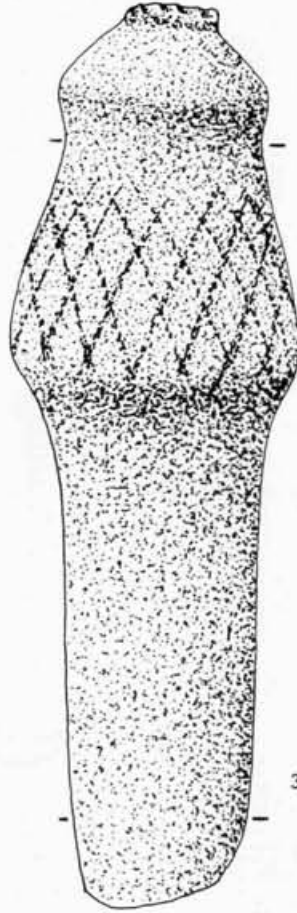




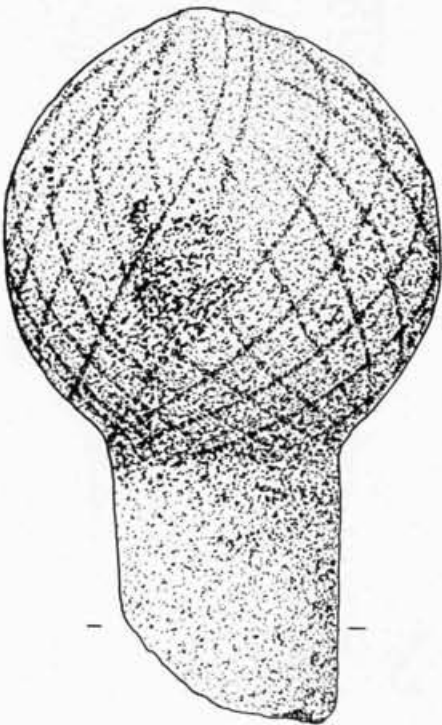
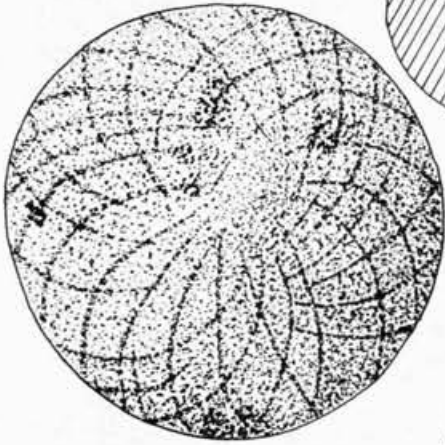
1



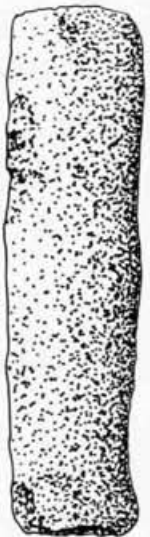
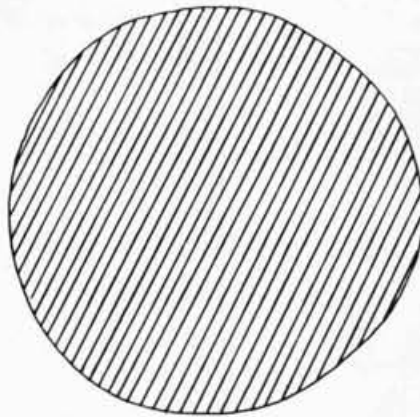
2



3

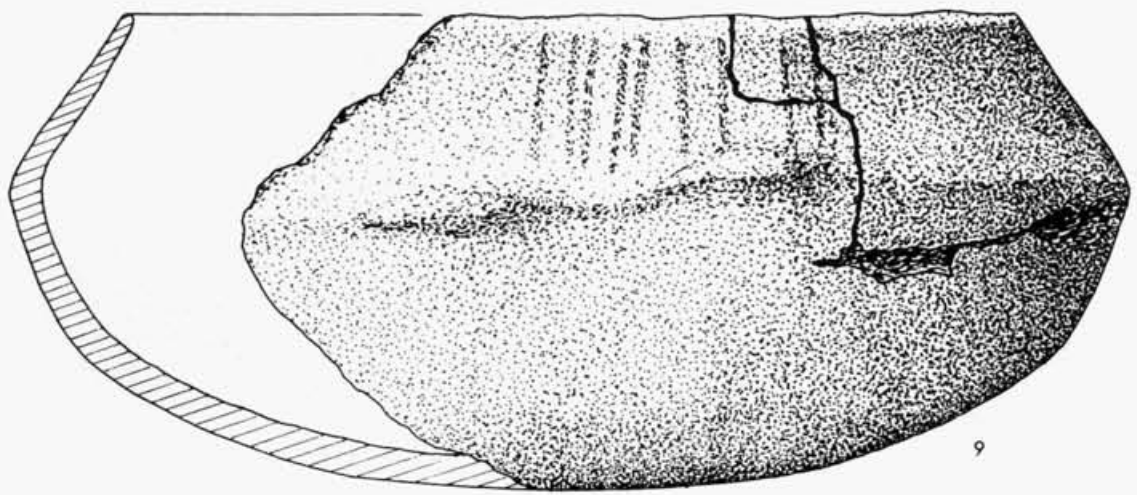
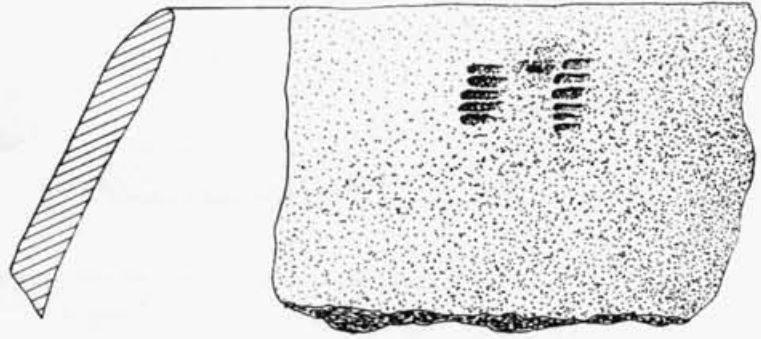
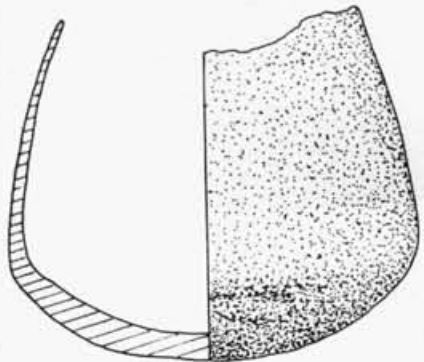
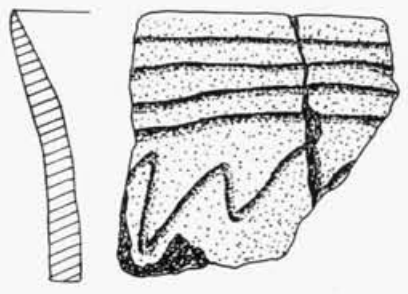
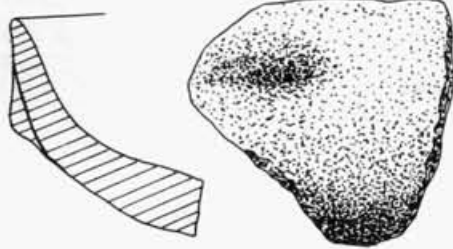
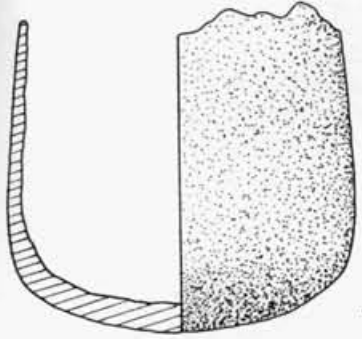
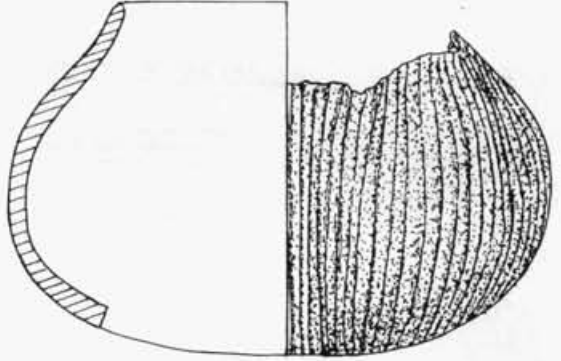
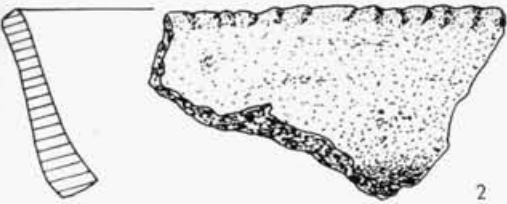
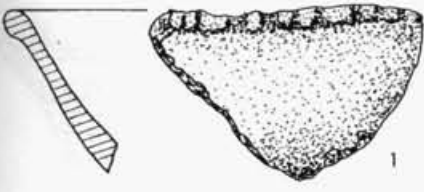


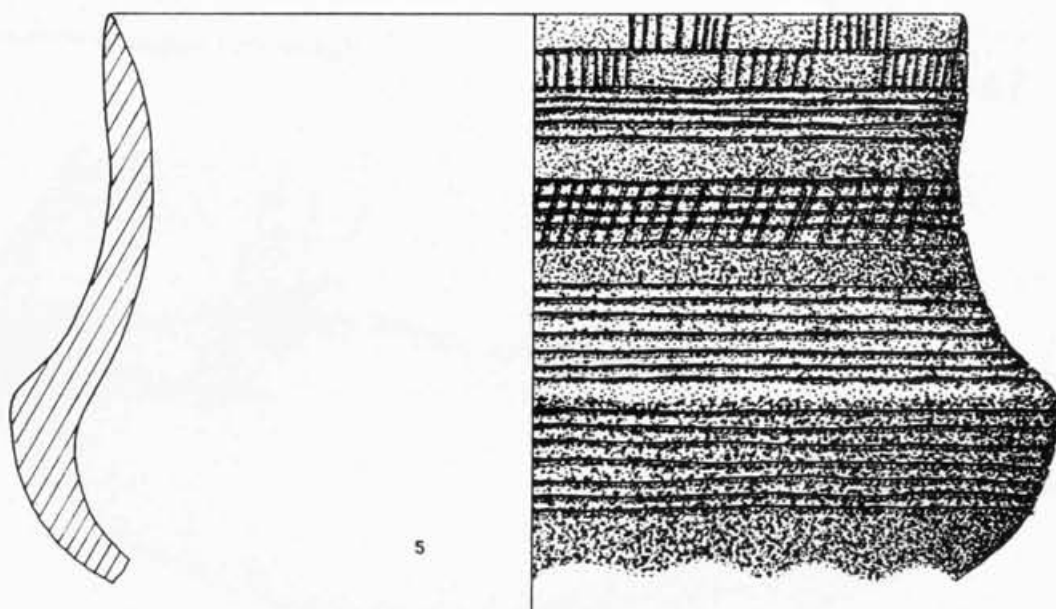
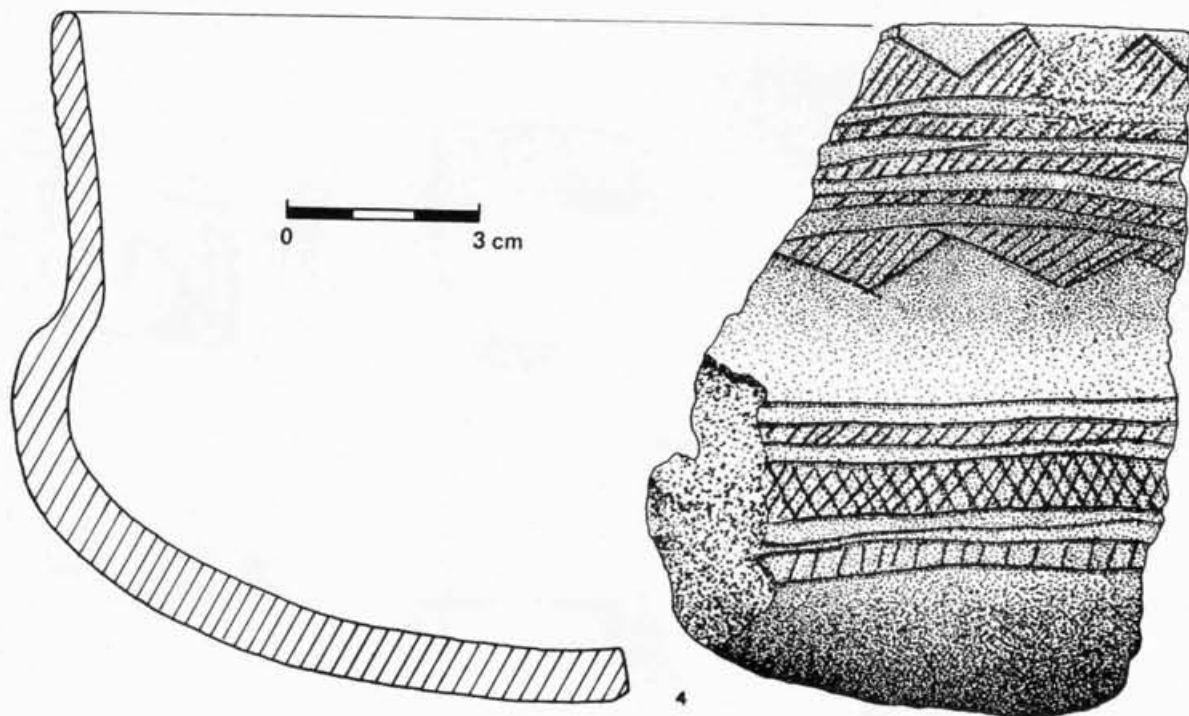
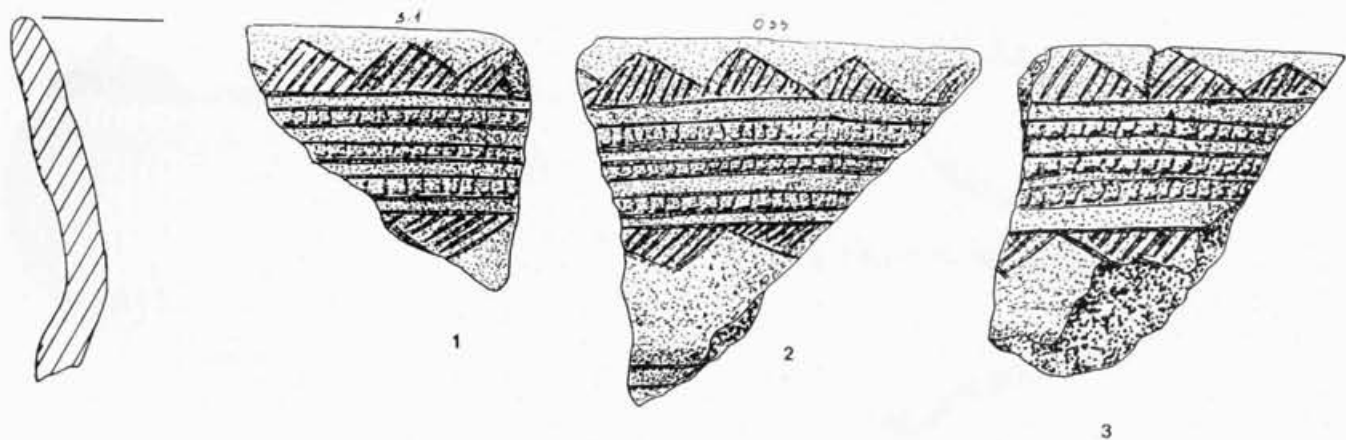
4

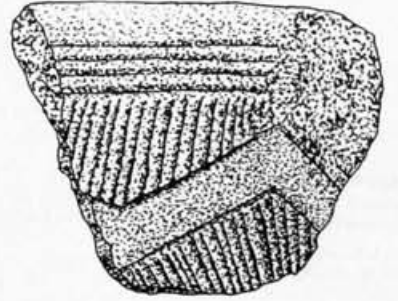
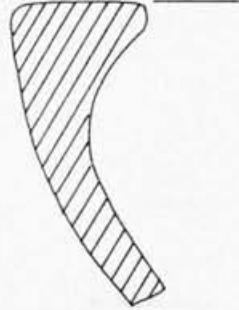
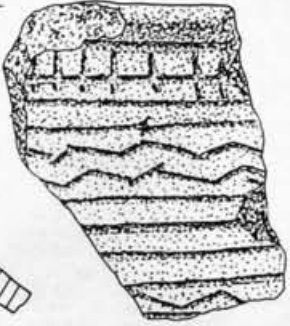
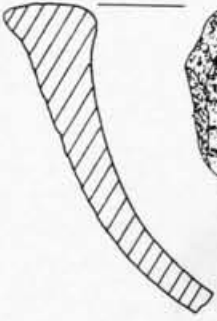
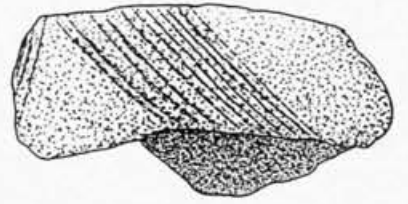
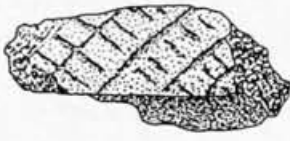


5



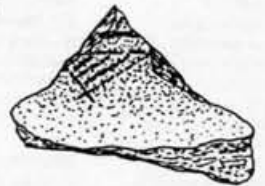
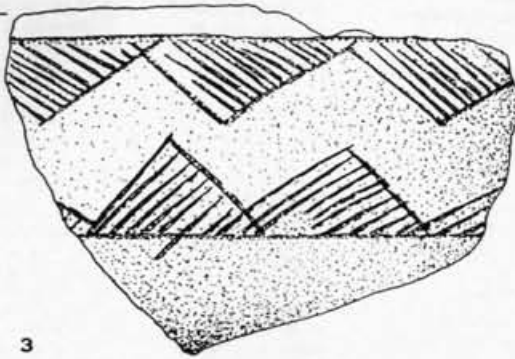
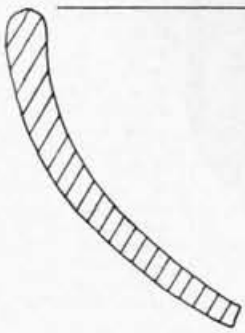






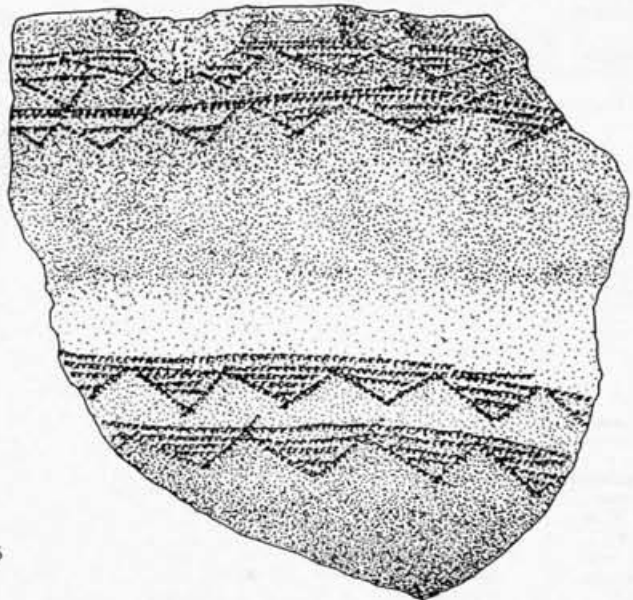
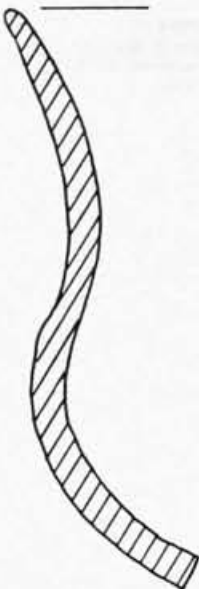
1

2



3

4



5

## LEGENDAS

### Estampa 1 Sepultura 3 Pedra lascada

1, 2 — lâminas com indício de utilização, possuindo a n.º 2 uma pequena «enchoche».  
3 — lamela de quartzo hialino.  
4, 5, 7 — trapézios assimétricos com base côncava.  
6 — trapézio assimétrico.  
8 — lasca com retoque num bordo lateral.  
9 — lasca subtrapezoidal.  
10 — fragmento de ponta de seta com retoque cobridor.  
12 — triângulo.  
11, 3 a 18 — pontas de seta: de base côncava (11); triangular (13, 15); e recta (14, 16 a 18).  
19 — pequeno percutor ou isqueiro.

### Indústria de osso

20 — extremidade de furador.  
21 — cabo.

### Objectos de adorno

22 — extremidade de alfinete de cabeça espatulada.  
23 a 25 — fragmentos de hastes de alfinetes.

### Objectos de carácter simbólico

26, 27 — fragmentos de placas de xisto.

### Cerâmica

28, 29 — fragmentos com decoração incisa.

### Fauna

30 — fragmento de defesa de javali (*Sus scrofa*).

### Sepultura 4 Pedra lascada

31, 32, 37 — triângulos (o n.º 37 é de quartzo hialino).  
33, 34, 36 — trapézios (o n.º 33, com base côncava; o n.º 36, de quartzo hialino).  
35 — ponta de seta incompleta na base (quartzo hialino).  
39, 40 — pontas de seta de base côncava.

### truncatura oblíqua.

17 a 19, 32 a 34, 38 a 40 — lâminas e fragmentos de lâminas, algumas com indícios de utilização, outras retocadas.  
24 — lamela residual de quartzo hialino.  
26 a 30 — pontas de seta: de base côncava (27, 28); de base triangular (29); de base ocupada por espigão (30). O n.º 26 encontra-se incompleto.

### Pedra polida

31 — machado de secção elíptica, achatado, de rocha anfibólica.

### Objectos de osso

43 — cabo.  
44 — espátula incompleta com furo de suspensão numa das extremidades.

### Objectos de adorno

35 a 37 — extremidades de alfinetes canelados, de osso, destinados a serem fixados em haste.

### Estampa 4 Sepultura 11 (Ossário) Pedra lascada

1 — crescente.  
2, 3 — trapézio (2) e triângulo (3).  
4 — ponta de seta de base convexa.  
5 — lamela com truncatura distal transversal.  
6 a 8 — lâminas com indícios de utilização.

### Pedra polida

15 — fragmento de machado de rocha anfibólica.  
16 — fragmento de polidor de arenito.

### Objectos de adorno

9 — alfinete de cabelo em forma de «garfo»  
11 a 13 — contas biconicas (11 e 12 de lignito, 13 de mineral verde).  
14 — pendente de mineral verde.  
17, 18 — arranjos com contas discóides e tubulares, estas de *Dentalium* s p.

### Objectos de carácter mágico-religioso

10 — par de lagomorfos geminados, objecto utilizado como pendente.

### Fauna

19 — vértebra de peixe.

### Estampa 5 Sepultura 9 e Sepultura 11 (Ossário) Objectos de carácter simbólico

1 — cilindro de calcário com tatuagem facial (Sep. 9)  
2 — placa de xisto com representação de idolo almeriense (Ossário).

### Estampa 6 Esconderijo Pedra lascada

1, 2 — lâminas não retocadas.  
3 a 6 — trapézios com o lado menor retocado (3, 4, 5) ou convexo (6).  
7 — triângulo assimétrico.  
8 a 13 — pontas de seta: de base triangular com aletas incipientes (8, 9); de base recta (10); de base côncava (11 a 13). A n.º 8 é de quartzo hialino.

### Objectos de osso

14 — furador.

### Objectos de adorno

15 a 27 — alfinetes de cabeça canelada, fragmentados, de osso.  
16 — cabeça canelada de alfinete, incompleta.  
25 — alfinete fragmentado de cabeça globular, bombeada, decorada com duas caneluras.  
23, 24 — alfinetes de cabeça espatulada. O n.º 23 encontra-se fragmentado.  
19, 28 a 30 — hastes e fragmentos de hastes de alfinetes de osso.  
18 — conjunto de contas discóides de xisto.

### Objectos de carácter simbólico

17 — fragmento de placa de xisto.  
20 a 22 — ídolos de gola o n.º 20 com cabeça incipiente.

### Cerâmica

31 — vaso esférico, de fundo plano, com mamilos perfurados no bojo.

### Fauna

32 — lapa (*Patella lusitanica*)  
33 — ameijoia (*Venerupis decussata*)  
34 — vieira (*Pecten maximus*)

### Estampa 7 Esconderijo Pedra lascada

1, 3 e 4 — enxós de secção espalhada de rocha vulcânica (cf. metabasalto).  
2 — machado de secção rectangular de rocha anfibólica.

### Estampa 8 Limpeza Veiga Ferreira et al. de 1966 Pedra lascada

1 a 6 — lâminas sem retoques.  
7, 8 — núcleos sobre cristais de quartzo fumado.  
9 — ponta microlítica.  
10 — segmento de círculo.

### Pedra polida

17 — grande enxó de secção rectangular de rocha anfibólica com

vestígios de pintura a ocre vermelha em toda a superfície.  
18 — fragmento de instrumento de pedra polida (enxó ou machado).

### Objectos metálicos

14 — punção de cobre.

### Objectos de adorno

11 a 13 — fragmentos de hastes de alfinetes de osso.

### Cerâmica

16 — bordo de possível taça em calote.

### Estampa 9 Museu de Sesimbra Pedra lascada

1 a 15, 18 a 22, 24, 25, 27 a 32 — lâminas e fragmentos de lâminas e lamelas, não retocadas ou com retoques junto dos bordos, em geral descontínuos.  
23 — «tarière en bout-de-lâme».  
16, 17 — lascas residuais.

### Estampa 10 Museu de Sesimbra Objectos de carácter simbólico

1 a 4 — placas de xisto.

### Estampa 11 Museu de Sesimbra Objectos de carácter simbólico

1 a 4 — ídolos de gola de osso ou marfim.  
5 — placa de xisto com duas (?) representações antropomórficas esgrafitadas em ambas as faces.  
6 — idolo almeriense realizado em tábuas ósseas.  
7 — cilindro de calcário.  
8 — placa de xisto com 4 representações de ídolos almerienses na sua parte média.

### Estampa 12 Museu de Sesimbra Objectos de carácter simbólico

1, 2, 5 — cilindros de calcário por vezes de tendência tronco-cônica.  
3, 4 — «ídolos-pinha» de calcário.

### Estampa 13 Museu de Sesimbra Cerâmica decorada

1, 2 — taças de bordo denteado.

3 — vaso tulipiforme; fragmentos do mesmo recipiente foram recolhidos no ossário (escavações de 1966).  
4, 5 — pequenos vasos de paredes muito finas, de fundo convexo e de corpo cilíndrico ou tronco-cônico.  
6 — taça com pequeno botão perfurado.  
7 — fragmento de copo decorado por incisões. Mesmo exemplar dos fragmentos possivelmente provenientes da sep. 9 (escavações de 1966). Conservam-se mais dois fragmentos no Museu de Sesimbra.  
8 — esférico com decoração por unhas, dispostas em faixas verticais.  
9 — taça carenada, com dois pequenos mamilos alongados na carena e decoração «canelada» de linhas verticais, no espaço compreendido entre ambos.

### Estampa 14 Cerâmica campaniforme

1 a 4 — fragmentos de caçoila campaniforme com decoração incisa. Os exemplares possuem a seguinte distribuição: 1, sep. 1; 2, sep. 11 (ossário).  
3 e 4 — Museu de Sesimbra, onde se conserva mais um fragmento não representado.  
5 — reconstituição de vaso campaniforme a partir de diversos fragmentos com a seguinte proveniência: sep. 4 (1), sep. 5 (1); Museu de Sesimbra (2).

### Estampa 15 Cerâmica campaniforme

1, 2 — fragmentos de taças de tipo Palmela com decoração incisa. O primeiro mostra as incisões preenchidas com pasta branca. Museu de Sesimbra.  
3 — fragmento de taça em calote com decoração incisa, sep. 1.  
4 — fragmento de vaso de forma indefinida com decoração incisa. Limpeza de Veiga Ferreira et al. 1966.  
5 — fragmento de caçoila campaniforme com decoração linear-pontilhada. Museu de Sesimbra.

**NOTA** — sempre que a natureza da matéria-prima não seja mencionada, subentende-se que se trata de sílex.